



# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2017 - ANO XXXVI, NÚMERO 4



## QUEM É DANIEL?

Entenda o processo de exoneração que mobilizou 58 entidades nacionais e desperta questionamentos sobre a avaliação de estágio probatório na UFSC      Páginas 8 e 9

### BOMBEIROS

Nova diretriz reduz o número mínimo de socorristas em ambulâncias. Pág 10 e 11

### PARATLETAS

UFSC abre portas para a inclusão, mas falta de patrocínio desanima os atletas de alto nível Pág 12 e 13

### SPINNERS

Mitos sobre o brinquedo de criança que virou investimento para os adultos. Pág 14 e 15

Publicar o Zero é um desafio para qualquer estudante de Jornalismo da UFSC. A partir do momento em que entramos no curso, aparecem histórias das proezas dos graduandos que passaram pelo jornal laboratório. Não eram poucas as expectativas. Para a primeira edição deste semestre, os repórteres escolheram pautas que partem de pessoas para pessoas.

Trouxemos uma reportagem sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis que aumentaram substancialmente nos últimos meses. Os paratletas do projeto Sábado no Campus mostram suas conquistas nos 20 anos do projeto, impulsionando a inclusão através do esporte. Enquanto a redução do número de socorristas no corpo de bombeiros mostra a importância no cuidado das pessoas da cidade.

A capa surge como uma necessidade de entender os impasses da exoneração de Daniel Dambrowski. Apesar dos cartazes, flyers e outdoors da campanha “Cancela Cancelier” espalhados pelo câmpus, poucos são os estudantes e servidores que conhecem o caso. “A exoneração que morreu na gaveta” faz, portanto, um compilado de todo o processo.

Nesta edição, encontramos inúmeras dificuldades para fazer o jornalismo que acreditamos. As fábulas sobre a fonte que não responde ou as fotos que não ficaram boas viram realidade de repente. Apesar de todos os choques de realidade esperados nesta etapa experimental, esperamos que esta edição seja um material relevante para a comunidade dentro e fora da UFSC. Sentimos que o Jornalismo que almejamos continua no horizonte, mas seguimos caminhando. **Boa leitura!**

OMBUDSMAN



Vitor Hugo Brandalise é editor do site da revista Piauí. Formado em Jornalismo pela UFSC (2007), trabalhou como repórter e repórter especial de O Estado de S. Paulo, entre 2008 e 2017. É autor dos livros O Último Abraço (Record) e O Teatro Municipal de São Paulo (Senac). É vencedor de oito prêmios de reportagem, entre eles o Vladimir Herzog de Jornalismo 2016..

A equipe do Zero explicou em editorial porque dedicou a edição de julho inteira à crise política no país. Ignorar a pauta, justificou, seria “criar um muro entre o jornal e a realidade dos brasileiros”.

Um critério louvável, que dialoga com uma de nossas missões (informação para aproximar pessoas). Um detalhe importante, porém, pôs a escolha em xeque: em uma edição temática, originalidade nas pautas é indispensável. E, na leitura de 16 páginas do Zero, a sensação foi de *déjà vu*.

Assuntos muito debatidos podem sempre ser retratados sob novos ângulos – mas não é o que vimos na maior parte

das reportagens. Os textos sobre intolância, economia, delações e reforma política não trazem novidades. Seguem um padrão: detalham de forma enciclopédica os amplos temas em questão. Mas ninguém lê jornal hoje procurando esse tipo de conhecimento. Acertos e erros na economia brasileira (desde o Plano Real, de 1994), o que é uma delação premiada (sobre as quais falamos desde o início da Lava Jato, em 2014), ou o fato de o governador ter sido citado em delação (algo já muito noticiado). Um foco tão amplo levou as matérias, infelizmente, a já saírem velhas da gráfica.

Um olhar local seria mais interessante ao leitor do jornal – que certamente não está tendo seu primeiro contato com o lamaçal político nacional a partir do Zero. Como a crise política e econômica tem afetado os estudantes da UFSC? O perfil de um delator catarinense, ou que tenha relações com o estado? Uma crônica da rotina de algum dos 142 catarinenses implicados na delação da JBS? São hipóteses que indicam caminhos para que o Zero pudesse contribuir como a equipe bem almejou.

Há descobertas interessantes, capazes de trazer frescor a assuntos repisados – ainda que o tratamento editorial não as tenha valorizado. Vamos a elas.

Na pauta sobre a propina – que, como foi editada, também remete a cozidão do noticiário – há um brilho. O ex-diretor do Jornal Nacional, que emite opiniões fortes sobre a relação de imprensa e esquemas de corrupção. Uma entrevista ping-pong, detalhada, poderia ser bastante reveladora.

Há duas descobertas na bem apurada reportagem sobre os protestos de

rua: o estudante da UFSC que perdeu a memória com uma pancada na cabeça em Brasília e a crescente tensão entre manifestantes e PM-SC. As boas histórias, porém, perdem força por estarem mescladas em um mesmo texto, sob título clichê (“rua como cenário de guerra”). Uma página dupla poderia trazer, em textos separados, a reportagem sobre perseguição nos protestos e mais o bom perfil do rapaz desmemoriado (onde está, aliás, a foto dele?). A edição – em vez de valorizar – acabou por esconder as boas histórias.

A contracapa tem problema idêntico. Há uma pérola neste texto, sobre memes políticos. O estudante catarinense (sim, catarinense) Lucas Arpino é o criador da segunda maior página de memes da internet do país, a Corrupção Brasileira Memes. A matéria indica que há um processo organizado de produção das piadas, com grupos fechados. Teria potencial para ser uma matéria reveladora da origem dos memes que inundam redes sociais. Infelizmente, não se cumpre. Lucas surge apenas no penúltimo parágrafo, e não sabemos onde vive, o que estuda, quem é. Onde está a foto dele? E o repórter não poderia ter feito parte por um tempo de um dos grupos que criam piadas para contar a partir de dentro como é? Faltou ousadia para surpreender o leitor sobre um tema, também, bastante explorado.

O assunto da edição temática do Zero era desafiador, o Brasil inteiro só fala em crise desde 2014. Em casos assim, valorizar ou não nossas boas histórias será o que vai definir se o jornal – e a contribuição – serão guardados ou se terão envelhecido rápido demais.

CRÔNICA

Pães e pontapés

POR LUIZ FELIPE BUZZI

Dentro do carro, enxergo o mundo, a cidade, como se estivesse em um carrossel urbano, assistindo a um filme, cujo roteiro é escrito por muros e edifícios de luzes baixas. Numa noite, na Avenida Josué di Bernardi, em Campinas, vi um corpo vivo sendo jogado no chão. O rapaz, loiro, de cabelos cacheados e bermuda tactel era empurrado até o concreto, entre dois carros vermelhos, enquanto recebia socos e pontapés de outro adulto de barbas feitas e coturno.

A humilhação aconteceu entre faróis acesos e olhares apagados. Ninguém fez nada. De dentro do carro, escutando o resultado do jogo na rádio, com o nariz encostado no vidro, perguntei-me se havia motivos para o acontecimento. Nada fiz. Arrastei minha expressão para casa, poucos metros dali,

aceitando o evento como mera realidade, assumindo minha impotência, minha apatia com a cidade concreta. Subi para o 602, o meu mundo privado. Lembrei-me de comprar pão.

Desci a pé, de volta à avenida, para realizar tal fardo. Dessa vez, vulnerável aos sons e aos cheiros, esbarrei no mesmo corpo que vi apanhar. Em pé e com as mãos no nariz, o rapaz que antes estava no chão seguia para o fim da avenida. Eu voltei a olhar para o asfalto e segui o caminho oposto. Foi aí que me deparei seguindo gotas de sangue. Secas. Pingadas de um nariz quebrado.

São cem passos até a padaria. A cidade é um corpo onde meramente pertenco. Sou levado contra o fluxo arterial carregando meus fardos. Afinal, pedi cinco pães. Do tipo francês.

**PARTICIPE!**

Mande críticas, sugestões e comentários:

✉ zeroufsc@gmail.com

☎ (48) 3721-4833

📱 /jornalzero

🐦 @zeroufsc

Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900



3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
**EXPOCOM 1994**



Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca  
**Sindicato dos Jornalistas de SC 2000**



Melhor Jornal-Laboratório  
**EXPOCOM SUL 2015 - 2017**



Melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
**EXPOCOM 2015**



Melhor Peça Gráfica  
**Set Universitário / PUC-RS  
1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998**

**EQUIPE**

Amanda Farias,  
Beatriz Clasen, Betina Ramos,  
Diana Koch, Eduarda Hillebrandt,  
Eduarda Pereira, Giovanna Olivo,  
Jaime Araújo, João Bosco Cyrino,  
Luiz Felipe Buzzi, Manuella Mariani,  
Matheus Vieira, Oriana Hoeschl,  
Tadeu Mattos e Vitor Sabbi

**DIAGRAMAÇÃO**

Isabele Reusing, Jéssica Antunes  
João Paulo Mallmann e Luan Poffo

**EDIÇÃO**

Giuliano Bianco, Gabriel Volinger  
e Leila Haddad

**CAPA**

Jéssica Antunes

**PROFESSOR RESPONSÁVEL**

Frederico S. M. de Carvalho  
SC 01787 JP

**MONITORIA**

Amanda Casemiro e Rodrigo Rocha

**IMPRESSÃO**

Gráfica Grafinorte

**TIRAGEM**

4 mil exemplares

**DISTRIBUIÇÃO**

Nacional

**FECHAMENTO**

13 de setembro

# Descarte consciente: o melhor dos remédios

Destino incorreto de medicamentos afeta a saúde da população e o meio ambiente

**V**ocê curou aquela tosse chata com um xarope há alguns meses, mas ainda sobrou meio vidro do santo remédio. O que você faz com ele? Guarda na famosa “farmacinha” de casa? E se o remédio vencer, para onde vai? O administrador Ricardo Ávila da Silva, 31, é direto ao afirmar que o descarte é feito no lixo comum.

Assim como Ricardo, muitas pessoas não sabem que os medicamentos podem poluir o meio ambiente e acabam jogando no lixo comum ou em algum ralo. Mas, segundo a engenheira sanitária Sara Meireles, os remédios possuem micropoluentes que se espalham com facilidade no meio onde são descartados e, por isso, devem receber um tratamento diferenciado. Esses produtos são feitos de substâncias tóxicas e ao entrarem em contato direto com a natureza contaminam o solo e a água.

Depois que os medicamentos entram no sistema de esgoto ou vão para um aterro sanitário comum, fica quase impossível controlá-los. Isso porque as substâncias químicas tóxicas se dissolvem entre as demais. A professora de Farmácia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Célia Teixeira de Campos, explica que os remédios não podem ser descartados de qualquer maneira. “A gente tem que pensar que é um resíduo químico e tóxico. Ao misturar um resíduo tóxico com o nosso lixo comum estamos contaminando o comum com o tóxico e mandando tudo isso para o meio ambiente”.

Há também o risco direto à saúde da população que pode reutilizar por acidente ou intencionalmente esses produtos. De acordo com o Centro de Informações Toxicológicas de Santa Catarina, em 2015 foram atendidos 660 casos de intoxicação humana no estado catarinense por uso acidental de medicamento. Os fármacos ocupam também o primeiro lugar nas exposições tóxicas, principalmente em crianças. Além disso, os antibióticos, por exemplo, descartados na natureza podem fazer com que as bactérias fiquem mais resistentes.

## Legislação

O Brasil está entre os dez países que mais consomem medicamentos no mundo, segundo o Conselho Federal de Farmácia. Para se ter ideia há cerca de uma drogaria para cada 3.300 habitantes. Mesmo assim, não existe uma lei que regule o descarte correto destes materiais vencidos ou sobras sem uso pelo consumidor.

Desde 2010 o Ministério do Meio Ambiente discute sobre o assunto por meio da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), estabelecida pela Lei 12.305 e Decreto nº 7404, e a Logística Reversa, um acordo que torna as empresas que produzem este tipo de material responsáveis pelo recolhimento e destinação final ambientalmente adequada. Mas, a PNRS não prevê ainda a Logística Reversa em relação aos medicamentos vencidos.

Segundo a professora de Farmácia da UFSC Célia Teixeira de Campos, cabe a cada município tomar iniciativa e criar normas que estabeleçam os procedimentos e as etapas da coleta e destinação destes materiais. Em Florianópolis, não há uma legislação específica que obrigue que farmácias ou estabelecimentos de saúde, públicos ou privados, recolham os medicamentos vencidos da população. Porém, segundo algumas normas técnicas nacionais, estes locais estão autorizados a oferecer esse serviço.

A Instrução Normativa nº 03/2015, responsável pelas diretrizes dos serviços de assistência farmacêutica, no artigo 71, diz que “as farmácias poderão receber dos usuários medicamentos vencidos e/ou danificados (padronizados pela rede pública ou não), devendo segregá-los e enviá-los diretamente à Central de Abastecimento Farmacêutico, sem necessidade de registro no Infoestoque, embalados e com sinalização que mencione: ‘medicamentos para descarte’”.

## Evitando o problema

Uma das formas de evitar o problema é tomar os cuidados básicos de consumo de remédios: não fazer au-



Medicamentos vencidos podem ser descartados em postos de saúde e farmácias

tomedicação e seguir rigorosamente o tratamento prescrito pelo médico, assim, além da melhora no quadro de saúde, não se acumula restos dos produtos em casa. Mas, se mesmo seguindo a receita médica sobram medicamentos, a engenheira sanitária Sara Meireles recomenda levar de volta ao estabelecimento que o forneceu.

De acordo com a Secretaria de Saúde de Florianópolis, todas as Unidades Básicas de Saúde do município estão autorizadas a receber resíduos de medicamentos da população. É o que faz a aposentada Irma Ribeiro. “Dificilmente sobra porque eu tomo remédios contínuos. Mas quando isso acontece levo tudo para o posto de saúde e lá eles sabem o que fazer”.

Além disso, desde 2009, um regulamento da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) possibilita que farmácias e drogarias participem de programas voluntários de coleta de medicamentos vencidos. Mas como é voluntário, nem todas oferecem esse tipo de serviço. Em Santa Catarina, um exemplo é o Programa Papa-pílula da rede de farmácias Sesi, que até o fechamento desta edição contabilizava 853.555 medicamentos coletados.

Nos dois casos, rede pública ou farmácias privadas, os remédios vencidos devem ser levados aos pontos de

coleta, preferencialmente dentro de suas embalagens. Lá, eles serão separados. Os líquidos e pastosos são armazenados em recipiente próprio, assim como as pílulas e as caixas de embalagens. Já as seringas, agulhas e materiais cortantes precisam ser levados aos postos de saúde. As farmácias não recebem esse tipo de resíduo da população. Para a professora de Farmácia Célia Teixeira de Campos, os perfurocortantes precisam de ainda mais atenção. “Esse material deve ser descartado em uma embalagem resistente a furos e a rasgos”.

A Proactiva Meio Ambiente é uma das empresas de Florianópolis que recolhe os medicamentos vencidos de diversas instituições que geram, de alguma forma, esses resíduos. Após coletados, são transportados até o Parque de Gerenciamento de Resíduos (PGR), em Biguaçu, onde são armazenados temporariamente em depósitos. O destino final normalmente é um aterro industrial licenciado, mas produtos mais perigosos, como os perfurocortantes, são incinerados. ☺

Diana Koch

dianamk2011@gmail.com

Vitor Sabbi

sabbivitor@gmail.com

Isabele Reusing/Zero

## Descarte correto de medicamentos

Separe os medicamentos vencidos e aqueles que você não vai mais utilizar



Leve os remédios nas embalagens até os pontos de coleta em Postos de Saúde ou farmácias



Uma empresa especializada em produtos tóxicos irá fazer a coleta e transporte dos resíduos



A destinação final adequada será um aterro industrial licenciado ou incineração



# Cresce o número de casos de IST em Santa Catarina

A falta de informação é um perigo para a saúde sexual. Jovens formam o grupo mais afetado pelo aumento das infecções

Os casos de sífilis estão tomando proporções cada vez maiores em Santa Catarina. Os dados divulgados pela Diretoria de Vigilância Epidemiológica (Dive), órgão que monitora as estatísticas sobre doenças e agravos, mostraram um aumento anual de 40% no número de casos da infecção. De 5.076 casos registrados em 2015, o número subiu para 8.228 em 2016. A situação é considerada alarmante pelos profissionais da saúde.

Em uma análise realizada no ano de 2016, os dados revelaram que aqui no estado os jovens e adultos de 20 a 39 anos representam 61% dos novos casos registrados da infecção. Este grupo é mais suscetível às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), pois representa uma parcela da população que desempenha comportamentos de risco com mais frequência, como manter relações sexuais sem o uso de preservativos, multiplicidade de parceiros sexuais e/ou uso de drogas, lícitas e ilícitas. O uso de drogas, mesmo que recreativo (que não caracteriza dependência), pode influenciar na negligência de medidas de proteção nas relações sexuais. E, no caso das substâncias injetáveis, o compartilhamento de seringas aumenta o risco de infecção.

Além dos casos de sífilis adquirida – infecção contraída por meio de prática sexual –, Santa Catarina também registrou um aumento de 13,5% nos casos de sífilis congênita, que é transmitida da mãe para o bebê durante a gestação. Este é o quadro mais preocupante, pois desse modo a infecção pode causar aborto, óbito neonatal e malformações fetais. As crianças que nascem com o problema correm o risco de desenvolver cegueira, surdez, problemas neurológicos, cardíacos e ósseos que costumam ser graves e irreversíveis.

O ginecologista do Hospital Universitário (HU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Luiz Fernando Sommacal, aponta uma série de motivos que contribuem para uma epidemia de IST, como políticas públicas deficientes frente ao crescimento de casos, e que não contemplam o público mais vulnerável; despreparo dos profissionais da saúde em relação ao diagnóstico e tratamento das infecções; e a desinformação da população, que faz

prevalecer uma “cultura de ‘não proteção’ no sexo”.

Além do sexo desprotegido, um fator que facilita a transmissão da sífilis é a falta de sintomas ou manifestações visíveis da infecção. Geralmente, o portador só descobre o problema quando este atinge um estágio avançado. Enquanto desconhece a contaminação, o indivíduo acaba agindo como vetor da bactéria *Treponema pallidum*, causadora da sífilis.

## Porque IST

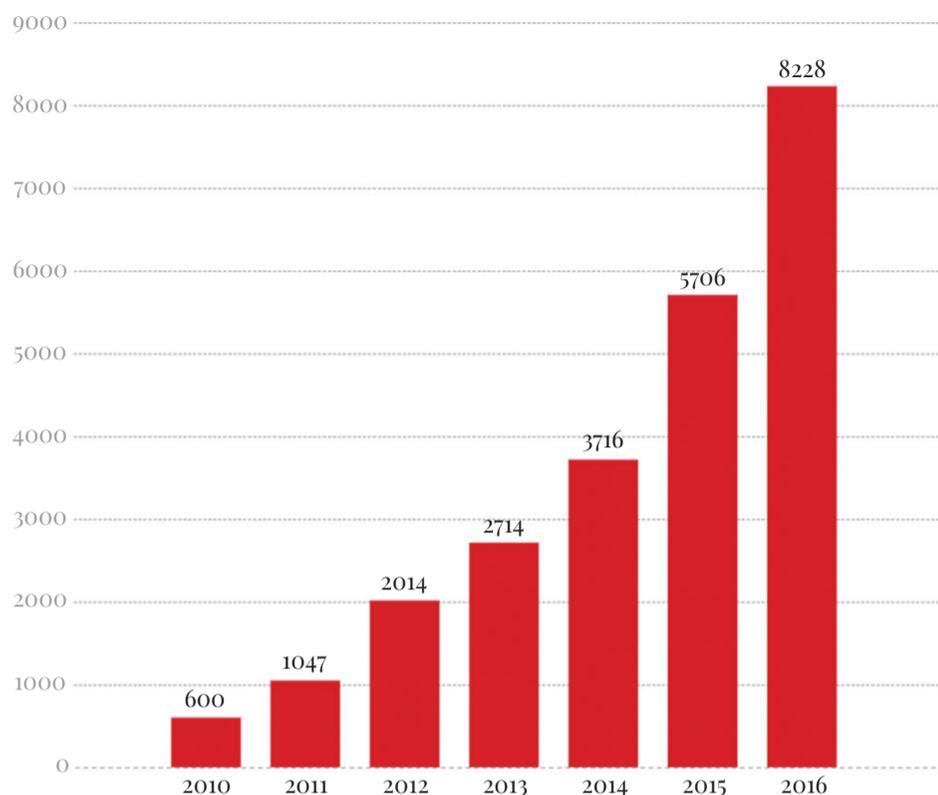
Em novembro de 2016, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, HIV/Aids e das Hepatites Virais do Ministério da Saúde colocou em desuso a nomenclatura “doenças sexualmente transmissíveis (DST)” e passou a utilizar “infecções sexualmente transmissíveis (IST)”. A atualização foi um meio de se adequar ao termo, que está sendo utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e outros órgãos especializados no assunto.

A denominação “doença” prevê sintomas e sinais visíveis no organismo da pessoa. As infecções podem não exibir sintomas por um período de tempo – como sífilis, herpes genital ou verruga genital – ou até mesmo durante toda a vida do indivíduo – que é o caso das infecções pelos vírus da Herpes e do HPV – e são detectadas apenas por meio de exames laboratoriais.

A nova denominação é uma das atualizações da estrutura regimental do Ministério da Saúde por meio do Decreto nº 8.901/2016, publicado no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17.

O Sistema Nacional de Informações do Ministério da Saúde (Sinan) tem lista das IST que devem ser compulsoriamente notificadas por médicos ou responsáveis pelos serviços públicos e privados de saúde, que prestam assistência ao paciente. É o caso da sífilis, Aids e HIV. Os profissionais de saúde, laboratórios e hospitais devem registrar cada confirmação de um novo caso ou de óbito por alguma dessas infecções. A Ficha Individual de Notificação (FIN) deve ser preenchida quando houver confirmação de qualquer caso de doença ou infecção de notificação obrigatória. Os dados são enviados para a vigilância epidemiológica das Secre-

## Novos casos de Sífilis por ano no estado



Fonte: Sinan Net/DIVE/SUV/SES-SC | João Paulo Mallmann/Zero

tarias Municipais que irão repassar as informações, semanalmente, para as Secretarias Estaduais de Saúde.

Segundo a assessoria de comunicação da Dive, não há como comprovar falha nesses registros, mas acredita-se que haja uma subnotificação de muitas doenças, tanto por parte da rede privada quanto da rede pública de saúde. A notificação deixa de ser feita por falta de tempo dos profissionais, por não observância da lei ou até mesmo por desconhecer a importância que esses dados epidemiológicos têm na formulação de políticas de ação de saúde. Como forma de otimizar esse serviço, são desenvolvidas campanhas e sites para alertar os profissionais de saúde e os municípios sobre a obrigatoriedade e a importância da notificação.

Os critérios utilizados para incluir doenças e infecções nas estatísticas do

Sinan são a magnitude do problema, isso inclui a frequência e quantidade de pessoas que afeta; o potencial de disseminação; a transcendência, que é um conjunto de características apresentadas pela doença, como severidade, relevância social e relevância econômica; a vulnerabilidade, quando existem instrumentos específicos de prevenção e controle que permitem uma atuação mais efetiva dos serviços de saúde; e os compromissos internacionais que o governo firma com países membros da Organização Panamericana de Saúde (OPS) ou da Organização Mundial de Saúde (OMS), com o objetivo de eliminar ou erradicar algumas doenças. (Veja box)

## O diagnóstico

As IST de notificação compulsória não são as únicas que representam risco à saúde das pessoas com vida sexual

## Critérios de notificação obrigatória

■ **Magnitude:** diz respeito à frequência e quantidade de pessoas que a doença/infecção atinge. Quanto mais alto o número de casos notificados e de mortes registradas pela IST, maior será a gravidade do problema em questão.

■ **Potencial de disseminação:** trata das possibilidades de propagação da doença por pessoas infectadas em relações sexuais sem preservativos e pelas demais fontes de infecção, colocando sob risco outras pessoas ou grupos.

■ **Transcendência:** considera um conjunto de características apresentadas pelas infecções. As mais importantes são: gravidade, medida pelas taxas de mortalidade, número de hospitalizações e sequelas; a relevância social, que são as consequências sofridas pela sociedade com a ocorrência do evento, como recriminação dos doentes e medo; e a capacidade de afetar o desenvolvimento econômico devido a restrições comerciais, perdas de vidas, faltas ao trabalho, custo de diagnóstico e tratamento, entre outros fatores.

■ **Vulnerabilidade:** se refere ao acesso aos instrumentos de prevenção e controle de infecções por parte dos profissionais de saúde, que permite uma atuação efetiva dos serviços em relação a indivíduos ou grupos.

ativa. Herpes genital, clamídia, gonorreia e HPV também são infecções comuns. Bárbara\*, estudante de Ciências Sociais, de 19 anos, é portadora do vírus da herpes genital e conta que foram necessárias duas consultas médicas no HU para que recebesse um diagnóstico correto do seu quadro clínico. “Eu comecei a ter os sintomas no segundo dia após a relação sexual, mas até então eu não sabia do que se tratava”. Ela explica que o primeiro diagnóstico recebido foi de uma infecção urinária, mas os sintomas se agravaram com o passar dos dias e ela recorreu à internet. Nas buscas feitas no Google, a herpes genital apareceu na maioria das vezes como resultado dos sintomas. A jovem diz que demorou para aceitar a ideia de que poderia ter contraído uma IST. Então resolveu ir ao médico pela segunda vez e foi diagnosticada com herpes genital.

Durante a segunda consulta, quando recebeu o diagnóstico correto, o médico residente que realizou o atendimento não demonstrou conhecimento suficiente sobre o funcionamento da doença. “Perguntei se eu ia ter aquela doença para sempre e ele me disse que não”. Outra médica, que fazia a supervisão da ala ginecológica, alertou Bárbara de que ela havia recebido uma orientação errada, pois não existe cura para herpes. O vírus permanece presente no organismo do indivíduo infectado, mesmo não manifestando crises constantes.

A estudante lembra que pensou muito nas consequências que a doença poderia trazer para a sua vida. “Fiquei com medo de não poder ter filhos, de passar a doença para futuros parceiros sexuais, mesmo sem querer”, lamenta. Com o tempo, Bárbara passou a compreender sua condição e perceber as IST de outra forma. Ela destaca a atenção que essas infecções devem receber, por meio de campanhas de prevenção, tratamento e principalmente no serviço de informação ao paciente.

Sommacal diz que casos como o de Bárbara, infelizmente, são comuns. “O que acontece é que hoje, ao se depararem com qualquer sintoma relacionado a uma possível doença, as pessoas procuram orientação na internet para uma melhor compreensão do seu quadro clínico”, explica. Este comportamento requer precaução, pois pode gerar um diagnóstico errado e acarretar complicações ao paciente, como atraso no início do tratamento correto. “Muitas vezes, depois de adquirir uma IST, as pessoas tendem a seguir orientações equivocadas de amigos, pais ou mesmo profissionais da saúde despreparados”, ele completa.

Ana Carolina\*, gerente de uma loja de vestuário, de 21 anos, também relata o despreparo que sentiu no atendimento dos profissionais do Centro de Saúde Trindade, onde recebeu o diagnóstico de herpes genital. Ela diz que os profissionais da unidade fizeram perguntas às quais ela não sabia responder, e que se sentiu constrangida. “Eu não tinha nenhuma informação sobre o problema, estava despreparada para falar sobre o assunto abertamente” explica.

Antes de procurar ajuda médica, Ana Carolina também recorreu à internet

para tentar fazer um diagnóstico com base nos sintomas que apresentou após contrair a infecção. No site de busca ela encontrou várias doenças, que se encaixavam dentro das manifestações que teve no organismo. “Eu fiquei muito assustada, achei que era a coisa mais absurda do mundo”, ela lembra. Por conta da falta de conhecimento comparou a infecção com a Aids. Ao chegar no posto de saúde, passou por uma triagem onde uma enfermeira relacionou os seus sintomas com a herpes genital. Em seguida, confirmou a suspeita durante a consulta médica.

A jovem diz que as orientações pós-diagnóstico, por parte dos profissionais, foram deficientes. A maioria das dúvidas que teve quando descobriu a infecção foram sanadas por um dos parceiros que tinha na época, que é médico. Ana Carolina relata que ele lidou muito bem com a situação e ofereceu assistência. Ela acredita que essa postura foi adotada porque ele tinha conhecimento sobre o assunto.

## “SOCIALMENTE, VOCÊ SE SENTE EXCLUÍDO, ‘O ESTRANHO’.”

Renato\*, portador do vírus HIV

Apesar do despreparo relatado, o urologista Henrique Peres Rocha, do HU, diz que durante a graduação em medicina os estudantes aprendem a tratar, do ponto de vista clínico, cada IST. Os alunos são instruídos sobre as particularidades de cada doença e também cursam disciplinas onde são orientados sobre a relação médico-paciente. O médico explica que essas disciplinas ensinam sobre atendimento humanizado e abordagem a esses pacientes, tendo em vista o comprometimento psicológico acarretado pela descoberta de alguma infecção.

Ana Carolina ainda teve contato com outra IST depois de contrair herpes genital. Ela entrou em um relacionamento estável com um parceiro que é portador do HPV. Desde a primeira relação sexual soube da condição dele e se sentiu segura por saber das possíveis implicações. Mesmo assim não conseguiu contar ao parceiro que era portadora do vírus da herpes, por receio de sofrer preconceito. Então esperou até sentir mais confortável no relacionamento e entender melhor a infecção.

Meses depois, Ana Carolina contraiu o vírus do HPV e teve manifestações no corpo, como verrugas genitais. Ela diz que estava mais preparada do que quando contraiu a primeira IST e destaca a importância de discutir esse assunto para evitar traumas nos indivíduos que as contraem. Atualmente ela faz exames ginecológicos com frequência e tem controle sobre as manifestações em seu corpo.

A herpes genital e o HPV não estão entre as doenças que devem ter novos casos obrigatoriamente registrados no Sinan, por isso não existem estatísticas ou dados precisos sobre esses proble-

mas. É importante lembrar que a herpes genital, o HPV e outras IST causam lesões que podem servir de porta de entrada para outras infecções, como o vírus do HIV. Isso acontece porque os traumas provocados nos órgãos sexuais, na boca ou no ânus, deixam as células mais sensíveis aos agentes patogênicos do que a pele saudável.

Renato\*, gerente financeiro, de 30 anos, contraiu o vírus HIV num relacionamento que durava três anos. Ele conta que deixou de usar preservativo por estar em um relacionamento estável e que a contaminação pelo vírus aconteceu devido a infidelidade do ex-marido. Recebeu o diagnóstico quando adoeceu e teve de passar por uma bateria de exames, que confirmou a infecção por HIV.

O gerente financeiro, que iniciou o tratamento no serviço privado, critica o despreparo dos profissionais por não conseguirem esclarecer dúvidas sobre o HIV. Situação que o levou a buscar atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS), onde recebeu as orientações corretas e deu continuidade ao tratamento de forma totalmente gratuita.

Para Renato foi difícil a aceitação após se descobrir soropositivo. “O que eu conhecia é o que todos sabem: nada, pois nosso ensino público ou particular é defasado quanto ao assunto”, ele conta. Além de ter a saúde física afetada pelos sintomas do vírus, o diagnóstico também prejudicou sua saúde psicológica. “Socialmente você se sente excluído, ‘o estranho’. Emocionalmente você acredita que nunca mais vai dar certo com ninguém por viver nessa condição” relata.

Atualmente, Renato é voluntário da ONG Grupo de Apoio a Prevenção da Aids de Santa Catarina (Gapa/SC), onde compartilha sua história com outros portadores do vírus. Hoje, apesar de temer o preconceito, aceita melhor sua condição “Estou mais seletivo em minhas relações, pois me amo mais, acima de tudo e todos”.

As campanhas oficiais de combate às IST não se mostram eficazes, o que sinaliza o aumento de pessoas infectadas no estado. Sommacal alerta para a importância de campanhas efetivas ao enfatizar que “o impacto das IST sobre a saúde da população é imenso, além dos custos para o tratamento das sequelas iniciais e tardias”.

A Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina tem lançado ações para estimular a população a procurar os serviços de saúde, esclarecendo sobre os sintomas e a gravidade das doenças, além de estimular a população a fazer os testes para HIV, sífilis e hepatites. Também estão trabalhando na capacitação e estímulo dos profissionais de saúde para o que chamam de busca ativa — identificar os pacientes que receberam resultado positivo para alguma IST e oferecer o devido tratamento. ☺

\*Os nomes foram alterados para garantir o direito de privacidade das fontes.

Amanda Farias

amandamarynaraf@gmail.com

Giovanna Olivo

giovanna.olivo3@gmail.com

## Saiba mais sobre algumas das IST mais comuns

■ A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) surge quando o sistema imunológico está fraco e debilitado, o que pode ocorrer anos após a contaminação com o HIV. Entre os sintomas estão: febre; inchaço dos gânglios linfáticos; presença de manchas e feridas na pele. O tratamento é feito com um coquetel de medicamentos fornecidos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

■ A sífilis se manifesta inicialmente como uma ferida nos órgãos genitais e ínguas nas virilhas, que não causam dor e desaparecem espontaneamente. A falta de tratamento mantém a infecção “silenciada” por meses ou anos, até surgirem complicações mais graves que podem deixar sequelas graves e levar à morte. Apesar disso, é facilmente curada por antibióticos.

■ O HPV um vírus comum e de fácil disseminação que se instala na pele e mucosas de homens e mulheres. Os primeiros sintomas são pequenas verrugas na região íntima feminina e masculina. O diagnóstico pode ser feito por meio de exame clínico ou exames laboratoriais, no caso de lesões não visíveis. O tratamento é feito com o uso de pomadas e de soluções aplicadas por um médico e em alguns casos com cirurgias de cauterização a laser.

■ A herpes genital é transmitida por vírus e ataca a pele ou as membranas mucosas dos genitais. Os indivíduos infectados com a herpes genital podem não apresentar sintomas. Porém, quando se manifestam, o principal é o surgimento de lesões e erupções nas regiões genitais. O exame de sangue é a melhor maneira de diagnóstico, e o tratamento é feito com antivirais orais e pomadas, que aliviam os sintomas, porém não curam a doença.

■ A gonorreia e a clamídia são ISTs causadas por bactérias. A maioria das mulheres infectadas não apresentam sinais e sintomas, sendo estes mais comuns nos homens. Entre eles, estão: dor ao urinar ou no baixo ventre; corrimento amarelado; dor ou sangramento durante a relação sexual. O diagnóstico se dá por meio de exame clínico e coleta de secreções genitais. O tratamento é feito com dose única de antibiótico.

# Vida desregrada afeta dieta de alunos

Entre aulas e atividades extracurriculares, universitários não têm tempo para comer bem

Giovanna Olivo/Zero

**D**esde criança, se aprende que os legumes devem fazer parte da refeição, que o feijão é um rico alimento e a fruta é a melhor sobremesa. O que ninguém ensina é que as rotinas enfrentadas pela vida adulta são intensas, e isso muitos universitários descobrem com o tempo. Esse choque de realidade pode fazer com que uma boa alimentação seja deixada de lado e substituída por maus hábitos. Com um cotidiano corrido, os alunos acabam não dando a devida importância à alimentação. Comem em horários desregulados, consomem alimentos gordurosos e muitas vezes optam pelos industrializados. Só lembram do assunto quando desencadeiam uma doença.

Milhares de jovens que passam pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) conciliam as aulas com diversas atividades. Estágio, monitoria, organização do lar e vida social. Além de dar continuidade aos estudos em casa ou na biblioteca, para só no fim do dia ter, pelo menos, algumas horas de sono. Entre um período e outro, mantêm-se acordados com o famoso cafezinho e comem um lanche qualquer na lanchonete do centro que frequentam.

A UFSC oferece aos estudantes uma refeição balanceada no Restaurante Universitário (RU), no almoço e no jantar, por R\$ 1,50. Ela é pensada por nutricionistas com o objetivo de “proporcionar uma refeição adequada e nutritiva em prol do melhor desempenho de seus usuários nos estudos e trabalhos”, de acordo com as informações que se pode ver em cartazes dentro do restaurante.

Se um estudante tivesse aula até as 11h50 e em seguida entrasse na fila do RU. Levaria em torno de 30 minutos só para chegar na mesa do buffet. Se servir, almoçar e sair, demandaria



As saladas de frutas são as principais substitutas para universitários que buscam se alimentar melhor nas lanchonetes da UFSC

aproximadamente mais 30 minutos. No total, levaria 1h nesse processo de almoço. Um aluno em apuros para a prova que começa em seguida provavelmente deixaria de almoçar e usaria esse tempo para estudar – optando por um lanche rápido na lanchonete. Quem precisa participar de uma reunião, ou está atrasado para um compromisso, prefere algo mais prático e rápido do que procurar um restaurante próximo à universidade que não tenha fila extensa.

Refrigerantes, energéticos e bolachas recheadas são alimentos industrializados que fazem parte dos hábitos alimentares de parte dos alunos, e são produtos que apresentam grandes porções de açúcares. A preferência na hora da correria tende a ser menos saudável. Outro fator que influencia na escolha da refeição rápida é o preço do produto. Se o

estudante não quer almoçar no Restaurante Universitário, onde gastaria apenas R\$1,50, prefere não desembolsar mais do que R\$10 em outro restaurante por quilo na região. Marcos Thives de Carvalho, proprietário do “Assim & Assado”, lanchonete do Centro de Comunicação e Expressão, diz que seus clientes pagam aproximadamente R\$ 10 por um lanche com um suco ou refrigerante, mas não pagam R\$ 14 pelo prato oferecido pelo estabelecimento. Apesar de os salgadinhos fritos não saciarem a fome tanto quanto uma comida nutritiva, com saladas, carnes e grãos.

De todas as lanchonetes da UFSC, apenas três oferecem a opção do almoço pronto, entre elas o “i-Café”, do Espaço Físico Integrado (EFI), “Cacau Café”, do Centro de Ciências da Educação (CED), e o próprio “Assim & Assado”, do CCE.

## Mudanças de hábito

Rafael da Cunha Campos, 22, aluno de Engenharia de Produção Mecânica, fica no mínimo 45 horas semanais na Universidade, sem contar com os intervalos. O curso de Engenharia demanda muito estudo fora do horário de aulas e poucos universitários conseguem dar conta desse ritmo. “Às vezes é preciso sacrificar as refeições. O tempo que eu ia almoçar, seja no RU ou fora, aproveito para estudar ou por alguma atividade em dia”, coloca. Rafael atualmente busca uma refeição mais equilibrada, se alimentando a cada 3h, deixando de lado as frituras e optando por comidas menos calóricas, frutas, grãos e fazendo exercícios regularmente, pois tem medo de ter problemas de saúde, como o colesterol alto.

Segundo a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia,

Beatriz Clasen/Zero



Sob o forte sol do meio dia, os estudantes chegam a enfrentar 40 minutos nas filas que se estendem por quase 400 metros à espera do almoço no Restaurante Universitário

a obesidade é caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal no indivíduo, designada por uma acumulação de massa (tecido adiposo) acima de 20% de seu próprio peso total. Além do consumo excessivo de gorduras, o sedentarismo causado pelas longas horas a que os alunos são submetidos a permanecerem sentados, em frente ao computador ou aos livros, também influencia o risco da obesidade. Esta condição pode provocar doenças graves, como o câncer, doenças cardiovasculares, problemas renais e diabetes tipo 2, que impede o organismo de produzir insulina.

## “NUNCA É TARDE PARA REPENSAR MAUS HÁBITOS.”

Alex Rafacho, professor do departamento de Fisiologia da UFSC

Isabella Schweitzer Coelho está no último semestre do curso de Farmácia, realizando o estágio obrigatório. Ela conta que antes do estágio ainda conseguia manter uma alimentação regulada, pois trazia lanches preparados de casa. Porém, sempre que comprava algo na lanchonete do Centro de Ciências da Saúde (CCS), optava pelas frituras, principalmente a coxinha. “Eu sempre gostei mais de fritos do que assados. Também não escolhia algo mais saudável, como um sanduíche, ou uma salada de fruta, porque são mais caros”, diz. Agora, Isabella está com a rotina de ponta cabeça, e faz as refeições em horários desregrados. “Na correria de fazer estágio e TCC, eu como o que for mais prático e rápido. Confesso que estou preocupada, pois estou com medo do meu colesterol aumentar”, completa a estudante.

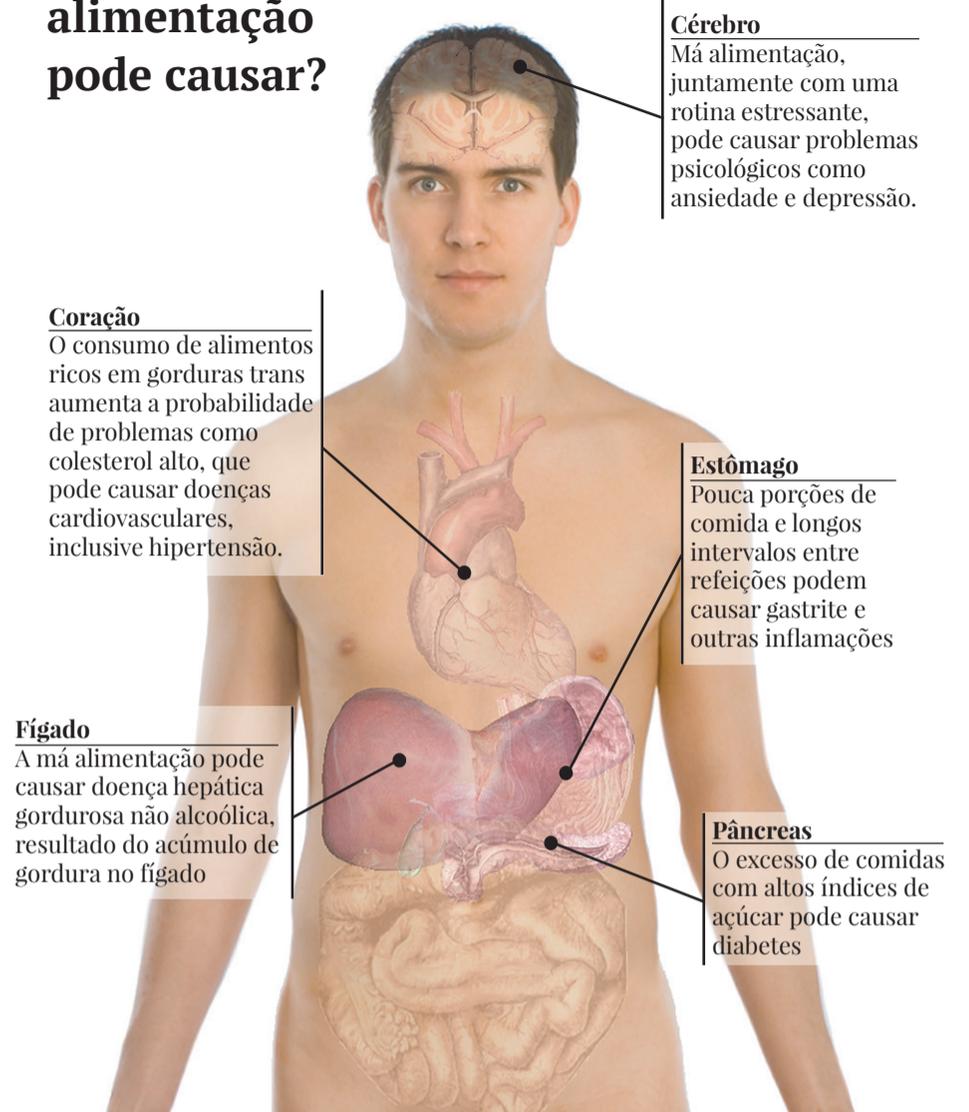
O colesterol é um tipo de gordura encontrada no sangue. Nosso corpo usa o colesterol para produzir ácidos

biliares (que ajudam na digestão das gorduras), metabolizar vitaminas lipossolúveis (A, D, E e K), além disso também auxilia a síntese de alguns hormônios como testosterona, estrogênio e cortisol (veja box). Mas, em excesso, a gordura se acumula nas artérias, vasos sanguíneos que levam sangue com oxigênio do coração para o corpo, obstruindo-as.

A fim de aproveitar as possibilidades de vivência que a universidade proporciona nos anos de graduação, os estudantes tentam conciliar os horários de aula com trabalhos extraclasse e participações em projetos voluntários, como é o caso de Rafael, que colabora com 15h no Laboratório de Mecânica de Precisão (LMP) enquanto cursa 27 créditos de aula. São 42hs semanais dedicadas à faculdade, sem contar as horas de estudos extra classe. O estudante de engenharia conta que durante o período de provas chega a dormir menos de 5h por noite. Todo esse tempo voltado aos estudos faz com que Rafael sintam que falta tempo para sair com amigos e fazer atividades de lazer, o que muitas vezes torna o seu dia a dia muito estressante. O estresse pode acarretar em, além de desgaste mental, consequências físicas como insônia, imunidade baixa e problemas no sistema digestivo.

Segundo pesquisas realizadas pelo Laboratório de Investigação de Doenças Crônicas da UFSC (Lidoc), o consumo de grandes porções de açúcares somado com uma alta carga de estresse, além de causar problemas de saúde, faz com que a pessoa engorde mais do que se estivesse sob a influência dos açúcares ou do estresse separadamente. É o que explica o professor do departamento de Ciências Fisiológicas do Centro de Ciências Biológicas da universidade (CCB), Alex Rafacho: “a pessoa pode ter um estilo de vida ativa, consumindo açúcar, e ter um risco de desenvolver algum problema. Ou pode ser sedentária, com uma vida estressante, mas consumir pouco açúcar, e também

## O que a má alimentação pode causar?



desenvolver certo tipo de problema. Mas, quando junta os dois, a chance de desenvolver algo é muito maior”.

Apesar disso, Rafacho coordena uma pesquisa que demonstra que os danos causados à saúde podem ser amenizados. O estudo “Repercussões metabólicas da administração crônica de frutose e prednisolona em ratos” analisa o efeito de açúcares no sistema endócrino e cardiovascular de ratos, uma vez que os órgãos dos animais respondem aos sintomas de maneira semelhante ao do ser humano. Os resultados mostram que, ao interromper o alto consumo de açúcares e evitar situações de estresse, é possível a recuperação dos efeitos que os maus hábitos possam ter provocado no corpo, melhorando assim o bem estar físico e psicológico. Nesse contexto, o pesquisador afirma que “nunca é tarde para repensar maus hábitos”.

O cérebro humano possui a memória condicionada, que é ativada com um estímulo positivo, como o alimento. Ou seja, se um estudante come algo altamente calórico, como um pastel ou um bolo com alto teor de açúcar, o seu cérebro pode desencadear um desejo compulsivo por esses alimentos. Quanto mais come, mais a pessoa deseja comer, porque essa ingestão prejudica a produção de dopamina, um neurotransmissor que atua no controle do movimento do corpo, memória e sensação do prazer.

As professoras do departamento de Nutrição da UFSC Débora Venske e Ana Carolina Fernandes contam que, para manter uma dieta equilibrada

na universidade, não há necessidade de ter alimentos variados, apenas consumir o apropriado. “Não adianta pegar salada de fruta e adicionar açúcar, isso não ajuda”, diz Débora. Ana Carolina destaca que as lanchonetes do campus ofertam produtos prontos e industrializados, ricos em gordura trans e açúcares e explica que “o ideal é que essas lanchonetes possam preparar o lanche no dia, fazer um bolo fresquinho sem ingredientes que fazem o produto durar mais tempo, pois recomendamos sempre comer as coisas in natura [expressão usada para caracterizar alimentos, seja de origem animal ou vegetal, que não são processados ou que sofreram qualquer transformação]”. Além disso, as nutricionistas recomendam trazer lanches mais balanceados e preparados em casa. Alguns Centros Acadêmicos possuem micro-ondas e geladeira, possibilitando aos alunos um lugar para guardar o almoço preparado em casa. Essa prática ajuda a prevenir possíveis riscos de saúde.

Os hábitos alimentares refletem diretamente na saúde física e mental, por isso é necessário manter o corpo saudável para aguentar os desafios da rotina da graduação, mantendo boa qualidade de vida para o futuro. A alimentação pode e deve ser prazerosa, mas principalmente deve ser pensada de maneira responsável. ☺

Beatriz Clasen

clasen.beatriz@gmail.com

Manuella Mariani

manumariani@gmail.com

### Atuam com a ajuda do colesterol:

- Os **ácidos biliares**, ácidos produzidos na bile e responsáveis pela absorção e digestão de gorduras.
- As **vitamina lipossolúveis - A, D, E e K**, vitaminas solúveis em gordura. Elas agem com maior importância, respectivamente, na proteção da visão, no crescimento e desenvolvimento dos ossos, na proteção das membranas celulares e facilitando a coagulação sanguínea.
- A **testosterona**, um hormônio que afeta o crescimento muscular. Aparece em maior quantidade nos homens e atua principalmente no desenvolvimento dos tecidos reprodutores.
- O **estrogênio**, que atua no desenvolvimento das características do corpo feminino, principalmente durante a puberdade e o ciclo menstrual.
- O **cortisol**, um hormônio que ajuda a controlar os níveis de açúcar no sangue, além de regular o metabolismo e o sistema imunológico e reduzir inflamações.

# A exoneração que morreu na gaveta

Processo, que se estendeu por um ano e meio, chega ao fim repleto de controvérsias

“Não acredito que eles têm coragem de fazer uma coisa dessas”, pensou Daniel Dambrowski ao receber em casa a notificação de que fora reprovado em seu estágio probatório na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Era maio de 2016, e o servidor técnico-administrativo estava afastado por estresse pós-traumático havia 17 meses. A nota 5, cravada pelos avaliadores do Colégio de Aplicação (CA), onde trabalhou por um mês antes do afastamento, se juntou ao 7 e ao 5,8 emitidos pelo Centro Tecnológico (CTC), onde esteve anteriormente por um ano e meio. Aquela notificação deu início a um imbróglio que só se resolveu em agosto deste ano, com a efetivação de Daniel, que havia assumido cargo público em 2012.

Por um ano, o processo de exoneração correu pelas vias administrativas da UFSC, enquanto pelos corredores corriam rumores de que havia influências políticas envolvidas. Em questão de 10 dias, após receber a notificação, Daniel já havia interpelado um recurso para a Secretaria de Avaliações de Desempenho (SAD), buscando derrubar a terceira avaliação. No mesmo documento, voltou a destacar o enviesamento das primeiras etapas. A discussão permaneceu circulando entre o departamento de gestão de pessoas, a representante da Procuradoria Federal na UFSC, Alessandra Sgreccia Rezende, e o gabinete da Reitoria por seis meses, até novembro de 2016. A reitoria não encontrava uma justificativa administrativa para não proceder a exoneração. Neste meio tempo, em junho do mesmo ano, o técnico administrativo foi alocado no Departamento de Química, onde segue até então.

Exonerá-lo significava bater de frente com o movimento dos trabalhadores. Durante a pós-graduação na universidade, Dambrowski iniciou sua trajetória de militância, esteve à frente dos estudantes no Conselho Universitário (Cun) — principal órgão deliberativo da universidade —, e como servidor integrou a luta pela jornada de 30h dos técnico-administrativos.

Mesmo com uma série de recursos contestando a competência dos avaliadores e os atrasos na papelada, as avaliações foram homologadas em agosto de 2017. Não fosse a pressão da comissão formada para apoiar o químico; não fosse uma interpretação do Superior Tribunal de Justiça (STJ) de que o decorrer do tempo também garante estabilidade no serviço público; e não fosse o apoio político de 58 entidades para além da UFSC, Dambrowski teria sido exonerado.

## Trajectoria

Em 2012, o na época estudante de mestrado, foi aprovado em um concurso para técnico-administrativo de labora-



Matheus Vieira/Zero

Daniel é técnico de laboratório do departamento de Química há um ano e dois meses

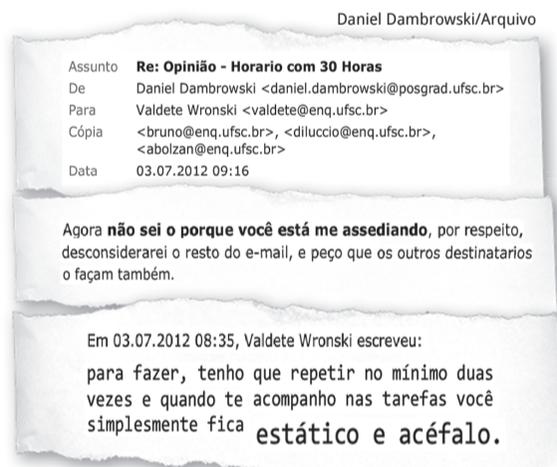
tórios de Química na UFSC. Foi designado para o Centro Tecnológico (CTC), especificamente no departamento de Engenharia Química e Alimentos (EQA). Lá trabalhou no Laboratório de Fenômenos de Transferência e Operações Unitárias (Labote/Lafete), coordenado pelo professor Bruno Augusto Mattar, e na Central de Análise, auxiliando o professor Marco Di Luccio.

Durante o período no departamento de EQA, Daniel virou representante dos técnicos administrativos no Cun e nas reuniões do próprio centro onde trabalhava. Seu engajamento é reproduzido na ficha de acompanhamento dos primeiros quatro meses de estágio probatório como “uma vocação em assumir a classe dos servidores”. Quando requisitado como conselheiro, ausentava-se do trabalho, invocando o inciso 9º do artigo III do Regimento do Cun, que abona as faltas no trabalho.

Essas ausências culminaram em reclamações que perduraram no departamento de EQA até hoje, segundo o atual diretor do departamento, Agenor Furigo Jr., que nunca teve contato com o servidor. Certa vez, convocado como representante do Cun, não preparou o Labote para a aula que ocorreria pela manhã, pedindo que sua supervisora, a servidora Valdete Wronski, cuidasse das tarefas do dia. Segundo Daniel, ela recusou o pedido e os laboratórios permaneceram fechados. Os dois primeiros meses de trabalho no departamento de EQA borbulhavam em desavenças. Ao avisar que doaria sangue no dia em que os laboratórios ficariam inutilizados, Daniel recebeu da servidora um e-mail com os dizeres “depois não venhas chorar e dar uma de criança

mimada, pois aqui somos profissionais”.

Completando dois meses de trabalho, Daniel conseguiu a confirmação institucional de que poderia mudar sua carga horária de 40 para 30 horas semanais com perda salarial. Justificou que lhe daria mais tempo para o mestrado. Valdete enviou um e-mail compartilhado com os coordenadores dos laboratórios demonstrando insatisfação com a mudança. Escreveu que sempre que solicitado, o servidor ficava “estático e



acéfalo”. A chefia direta do departamento de EQA, professor aposentado Antônio Augusto Ulson de Souza, também se mostrou insatisfeito e buscou anular a portaria que dava o direito ao técnico-administrativo com um memorando impondo que o servidor voltasse ao regime normal. Motivado pelos atritos internos, em abril de 2013 o químico pediu remoção do setor. A saída só aconteceu no início de 2014. Valdete Wronski negou a troca de mensagens e se recusou a conversar sobre o caso.

## Posição política, reação política

Em 2013, o recredenciamento da Fundação de Ensino e Engenharias de Santa Catarina (Feesc) na UFSC dependia da aprovação das contas e transparência do

ano anterior. Daniel foi o relator representante do Cun designado pela Reitoria. Seu dever era analisar a instituição tomando como base a legislação e o relatório da auditoria realizada no ano anterior, que contava com uma extensa lista de recomendações a serem tomadas por essa e todas as outras fundações de ensino relacionadas à UFSC.

Após meses requerendo informações que eram parcialmente cedidas, em novembro de 2013, Dambrowski acusou falta de transparência e reprovou a Feesc. Por mais que a instituição tivesse enviado dados como a identificação e os valores recebidos pelos servidores favorecidos por bolsas, ela se recusou a detalhar: as relações entre as pessoas que recebiam as bolsas e os projetos em que estariam envolvidas, a carga horária dos envolvidos nos projetos, e informar a respeito das 1049 bolsas recebidas por pessoas sem vínculo empregatício com a UFSC, mas efetivamente empregadas com recursos públicos.

Dois dos três membros das comissões de avaliação de seu estágio probatório estavam envolvidos com a Feesc: o diretor do CTC na época, Sebastião Roberto Soares, que se opôs ao parecer em reunião do Cun e Antônio Augusto Ulson, que era o chefe do departamento de EQA, receptor de duas bolsas mensais pagas pela própria Feesc. Em janeiro de 2012, essas bolsas somavam 5 mil reais, enquanto em dezembro, 8 mil reais. Caso o parecer fosse ratificado, a relação entre a UFSC e a fundação não seria renovada e as bolsas acabariam suspensas. Dambrowski acredita que o parecer tenha ido de encontro aos interesses de seus avaliadores.

Antônio Augusto Ulson e Sebastião Roberto Soares não retornaram o contato da reportagem.

## Mal avaliado

Dambrowski começou o ano de 2013 expandindo sua atuação na política universitária. Entrou como suplente com carga de 8 horas semanais no Grupo de Trabalho (GT) Reorganiza UFSC, fruto de um acordo após a greve de 2012 entre a reitora Roselane Neckel e servidores militantes. O objetivo era estudar a aplicabilidade de um regime de trabalho de 30 horas a todos os funcionários da universidade. Ao final da pesquisa de oito meses, chegou-se à conclusão de que a implementação seria possível com a realocação dos técnicos administrativos. O relatório final propunha debates periódicos com toda a comunidade universitária — algo nunca concretizado pela gestão de Roselane.

A terceira e quarta ficha de acompanhamento do estágio probatório de Daniel Dambrowski vêm com reclamações de que o trabalho no Reorganiza teria atrapalhado o funcionamento do departamento de EQA. Os avaliadores escreveram na ficha do quarto período



Campanha "Cancela Cancellier" teve o apoio de 58 entidades por todo o país

que "servidores em regime probatório não deveriam integrar comissões como o Reorganiza UFSC pela falta de preparo e inexperiência". A primeira nota emitida pelo departamento, em outubro de 2013, foi 7, já a segunda, entregue após a reprovação da Feesc dada por Daniel, foi um 5,8, protocolado em 2014, com atraso de pelo menos um mês, o que é considerado inadequado e passível de processo administrativo, como adverte a Secretaria de Gestão de Pessoas nas instruções sobre estágio probatório. "O não cumprimento dos prazos estabelecidos nesta Resolução implicará instauração de procedimento disciplinar por incursão dos responsáveis nas proibições previstas nos incisos IV e XV do Art. 117 da Lei nº 8.112/90".

### Greve nacional

No momento em que a nota 5,8 era informada ao SAD, ocorria a greve nacional que perdurou de março a junho de 2014. Dambrowski, agora servidor do Colégio Aplicação, integrou a paralisação e se tornou representante dos técnicos do colégio. Assim, a SAD não o convocou para dar ciência da nota e assinar a papelada.

No Aplicação, apesar de ser designado para a área de Química, a orientação da direção do colégio foi de que ele cuidasse também dos laboratórios de Física e Biologia, o que a diretora, Josalba Ramalho, chama de "especificidades" do colégio.

Em um contexto ideal, cada área teria um técnico para ajudar nas aulas práticas e manter o almoxarifado.

### Segunda avaliação

Ao voltar ao expediente depois da greve nacional, o químico participou de uma reunião com os professores e a diretoria do CA para discutir suas funções. Em 15 de julho, ele passou pela SAD e descobriu a nota da segunda avaliação. Dez dias depois, reapareceu com um recurso administrativo explicando porque aquela nota deveria ser suspensa. Um dos principais argumentos recaía justamente sobre a parcialidade de quem o avaliou – Valdete Wronski, que possuía histórico de desavenças no EQA, Sebastião Roberto Soares e Antônio Augusto Ulson, professores relacionados diretamente à Feesc. A SAD encaminhou o pedido de retificação da nota à comissão, que reforçou a nota baixa.

O baque foi maior do que aguentava. Foi afastado por estresse pós-traumático pela Junta Médica da universidade em outubro de 2014. Como era de praxe na época, os afastamentos médicos não valiam como período de estágio probatório. Essa orientação considerava uma norma técnica do Ministério do Planejamento. Acontece que, durante o tratamento do Daniel, o próprio órgão derrubou essa norma e orientou que os servidores federais fossem avaliados mesmo em afastamento médico. A ação levou a SAD a reativar o estágio probatório de 30 servidores em tratamento. Nenhum deles, no entanto, tinha notas negativas.

A comissão, formada pela diretora do colégio, Josalba Ramalho, a coordenadora administrativa Patrícia Bello Orofino e a professora de química Juliana Cardoso, não poupou críticas ao avaliado. Os professores de Física e Biologia também deram sua opinião sobre o mês em que Daniel esteve no Aplicação. Na 3ª avaliação que resultou na nota 5, a comissão assinalou que o servidor faltava constantemente, não desenvolvia um trabalho de qualidade, tinha atritos com os colegas e não era cuidadoso com os equipamentos.

Quando o processo veio a tona, colegas do Colégio Aplicação que conviviam com Daniel no movimento da classe vieram manifestar apoio. Sandra Regina Carrieri, coordenadora de Educação Especial na época, conversou com Josalba quando Dambrowski tentava deixar o

departamento de EQA. Ela relatou a situação do servidor no centro de origem e pediu um acolhimento humanizado. Secretária na época e hoje aposentada, Maria Regina costumava recebê-lo na secretaria para tomar café e trocar novidades sobre as greves. "Fui no laboratório várias vezes, o Daniel conseguiu colocar tudo em ordem nesse meio tempo, antes estava tudo meio abandonado" disse a servidora, que não vê razões para as notas baixas.

A diretora do Aplicação acredita que a avaliação foi justa e condizente com o trabalho desenvolvido por Dambrowski, embora preferisse ter esperado ele voltar do afastamento. Foram determinações hierárquicas, afinal. Afirma também que desconhecia as avaliações anteriores. A professora Juliana Cardoso não retornou o contato da reportagem.

A terceira avaliação chegou à SAD ao final de dezembro de 2015, como uma bomba para quem teria que prosseguir com a exoneração. O processo ficou estacionado até a resposta da Procuradoria Federal confirmando a legalidade da avaliação durante o afastamento. A carta de notificação que Daniel recebeu em casa voltou à universidade nos últimos dias da gestão de Roselane Neckel. O gabinete preparou a portaria de exoneração em 9 de maio de 2016. Na noite do dia seguinte, durante a cerimônia de posse do reitor Luiz Carlos Cancellier, a professora Roselane passou o cargo (e o abacaxi) ao sucessor.

### O contorno de Cancellier

Dez dias após a notificação de exoneração, Daniel entrou com um recurso à SAD buscando derrubar a última avaliação. A discussão sobre a legalidade de exonerar alguém em afastamento médico circulou entre o departamento de gestão de pessoas, a Procuradoria Federal na UFSC, e o gabinete da Reitoria até novembro de 2016. A gestão não encontrava uma justificativa administrativa para barrar as avaliações negativas — e Daniel continuava afastado.

O caso se tornou ponto de pauta em assembleia do sindicato dos servidores com a presença do reitor em janeiro de 2017, na qual se formou uma comissão de apoio ao colega. O grupo foi o responsável pelos cartazes pelo campus que evocavam as arbitrariedades do processo com os dizeres "Quem quer exonerar o Daniel?". A campanha se somou a um novo recurso de Daniel entregue diretamente ao gabinete, criando um terreno arenoso para que o gabinete procedesse com a exoneração.

Cancellier pediu que a SAD emitisse um parecer detalhado sobre a tramitação do estágio probatório do técnico. O documento procurou blindar a UFSC de acusações. No entanto, o parecer evidencia distorções processuais que especialistas consultados consideraram graves. Quando Daniel nega a veracidade dos itens citados nas avaliações de desempenho, o órgão responde que "o servidor (...) não apresenta nenhuma comprova-

ção documental que refute as afirmações citadas". As avaliações de desempenho mencionavam faltas injustificadas e danos a equipamentos, ambos inexistentes nos registros do servidor.

No mesmo documento, a Prodegesp reconhece que os atrasos no caso de Daniel são comuns: "Cabe informar que esta situação é recorrente nos processos de estágio probatório, sendo identificada uma dificuldade nos gestores da UFSC, de uma forma geral, em cumprir com os prazos estabelecidos na Resolução nº 55/CUn/94". Na visão dos integrantes da campanha, os atrasos podem levar a adulterações ou parcialidade. Elaine Tavares, jornalista responsável pelos textos da campanha e servidora da UFSC, acredita que o adiamento abre margem para que a chefia avalie o servidor de acordo com questões pessoais posteriores aos período avaliativo em questão. "O cara pode segurar o documento e mudar minha avaliação porque não gostou do que eu disse, por causa de picuinha ou coisa política", afirma.

A campanha lançou uma versão comentada do processo, mas o gabinete

Daniel Dambrowski/Arquivo

Assunto **Re: Doação de Sangue**  
De Valdete Wronski  
Para <daniel.dambrowski@ufsc.br>  
Data 18.06.2012 07:59

você não me conhece profissionalmente!!!  
depois não venhas chorar e dar uma  
de criança mimada,

sinalizou que a causa estava perdida. Dambrowski voltou a ser notificado da sua exoneração em 17 de julho, o que gerou uma moção de apoio que mobilizou 58 entidades por todo o país. Diante da ofensiva, Cancellier encontrou uma solução de contorno. Resgatou a interpretação da 6ª turma do STJ que permite a estabilidade do servidor pelo decurso do tempo, independente das avaliações. Cancellier confirmou que se as notas de Dambrowski tivessem sido lançadas dentro do prazo de três anos, teria sido exonerado. "O importante é que ele não foi exonerado, o que é bastante legal porque ele ficou, não foi exonerado. Isso que é importante", reiterou.

Integrante da campanha de defesa de Dambrowski, a servidora Veridiana Bertelli discorda da forma com a qual Cancellier conduziu o processo. "Foi uma forma do Cancellier dar os dedos sem perder os anéis", acredita. Ela ressalta que as manifestações visavam impedir que o caso abrisse precedentes para exonerações baseadas em acusações sem fundamento. "Não foi pelo Daniel, mas pelo o que ele representa".

Eduarda Hillebrandt

dudahillebrandt@gmail.com

Matheus Vieira

matheusjorvieira@gmail.com



Confira os documentos desta reportagem nas redes sociais do Zero

## Como funciona o estágio probatório

A carreira no setor público não inicia estável. O estatuto do serviço público (lei nº 8119 de 1990) criou o estágio probatório, que inicialmente duraria dois anos. Em 1998, uma emenda à constituição ampliou o estágio para três anos. Cada órgão deve decidir sua fórmula de avaliação, levando em conta a legislação e normas técnicas federais. O servidor é avaliado pela chefia imediata, direção do departamento e algum servidor de nível similar. Essas comissões avaliam assiduidade, disciplina, iniciativa, produtividade e responsabilidade.

Em 1994, a UFSC aprovou no CUn a resolução nº 55, que cria dois instrumentos para avaliar os técnicos-administrativos: uma ficha qualitativa a cada quatro meses, cujas anotações devem embasar uma avaliação quantitativa a cada nove meses. Esta última gera uma nota entre 5 e 10. A partir de 2005, a UFSC abriu uma portaria criando a terceira avaliação quantitativa — esta última não tem amparo de uma ficha qualitativa. Se as três avaliações levarem a uma média de 7 pontos, o servidor pode se considerar estável.

# Bombeiros criticam decisão do comando

Nova diretriz reduz de três para dois o número mínimo de socorristas em ambulâncias

A defasagem do efetivo no corpo de bombeiros militar de Santa Catarina foi exposta no mês de junho quando o Comando-Geral da instituição baixou a nova diretriz que regulamenta o atendimento de viaturas de Auto Socorro de Urgência/Emergência (ASU). Uma das mudanças é que este tipo de ambulância agora pode ser composta por dois socorristas e apenas um precisa ser militar, reduzindo o número que era de três militares. A Associação Catarinense de Praças (Aprasc) se mostrou contra a nova diretriz, afirmando que, por limitar o número de pessoas, o atendimento às vítimas é prejudicado, bem como a segurança dos envolvidos nas ocorrências. O presidente da associação, Subtenente Edson Fortuna, afirmou que a diretriz é uma forma de legalizar a falta de efetivo no estado. O déficit atual na instituição é de 1100 militares.

Estes profissionais militares treinados enfrentam a maior jornada de trabalho, com 24h de serviço e 48h de descanso. Além do estresse, os socorristas observam todos os dias pessoas sofrendo acidentes e ainda trabalham com uma quan-



Tadeu Antonio Mattos/Zero

Bombeiros realizam atendimento padrão na rua Dom Joaquim, Centro de Florianópolis

tidade de colegas inferior ao recomendado pelas normas federais. Por medo de falar publicamente, os bombeiros pediram anonimato. Então, para preservar suas identidades, serão utilizados os pseudônimos Pedro e Araújo. A questão é o medo de represália. Todos esses

militares acreditam que caso seus nomes apareçam na mídia, sofrerão alguma consequência. "Tenho familiar tentando fazer o concurso do bombeiro neste ano. Se meu nome vazar, ele é capaz de reprovar no físico ou psicológico" reclama Araújo. O próprio presidente da Aprasc ad-

mite que hoje os militares estão por um período de grande controle em depoimentos e contato com a mídia.

## Mudanças

Para compreendermos todas as controvérsias desta nova diretriz, primeiro é necessário saber como funciona o trabalho de socorro. Um dos serviços prestados pelos bombeiros é o de suporte à vida, desde o atendimento para uma pessoa que sofreu mal súbito até uma queda ou algo mais grave, como acidentes automobilísticos. Aí se encaixam cenas como lacerações, traumas, paradas cardíacas, respiratórias e acidentes vasculares cerebrais. Ou seja, o pré-hospitalar.

É o primeiro atendimento antes de um médico que vai administrar qualquer tipo de medicamento ou reposição de volume como, por exemplo, transfusão de sangue. Nesse caso, existem regras nacionais delimitadas pela Portaria Ministerial 2.048, explicando quantas pessoas devem estar na ambulância a partir do tipo do serviço que será realizado. Por exemplo, a ambulância de suporte básico, que é do Samu, pode ter dois civis. Ela é ativada a partir da informação de um médico no centro de saúde que informa a gravidade da ocorrência.

## Tipos de veículos para transporte médico utilizados no país

Divulgação/Prefeitura de Blumenau



**Ambulância de Transporte:** veículo destinado ao transporte em vítimas em repouso horizontal de pacientes que não apresentam risco de vida, para remoções simples.

Divulgação/Prefeitura Itaúna



**Ambulância de Suporte Básico:** para o transporte entre hospitais de pacientes com risco de vida, e ao atendimento pré-hospitalar de pacientes com risco de vida desconhecido.

Divulgação/Governo do Espírito Santo



**Ambulância de Resgate:** veículo de atendimento de urgências pré-hospitalares de pacientes vítimas de acidentes ou em locais de difícil acesso, com equipamentos de salvamento (terrestre, aquático e aéreo).

Divulgação/Prefeitura de Chapecó



**Ambulância de Suporte Avançado:** destinado ao atendimento de pacientes de alto risco em emergências pré-hospitalares e/ou de transporte entre hospitais que necessitam de cuidados médicos intensivos.

Divulgação/Governo do Piauí



**Aeronave de Transporte Médico:** aeronave de asa fixa ou rotativa usada para o transporte entre hospitais e aeronave de asa rotativa para ações de resgate.

Divulgação/Prefeitura de Belém



**Embarcação de Transporte Médico:** veículo destinado ao transporte por via marítima ou fluvial. Deve possuir os equipamentos médicos necessários ao atendimento de pacientes conforme sua gravidade.



O presidente da Aprasc, subtenente Edson Fortuna, critica a nova diretriz do comando

Também existem outras ambulâncias que já possuem equipamentos de resgate e realizam, além de situações pré-hospitalares, outros procedimentos, como a retirada de vítimas em acidentes de carros e, em casos extremos, reanimação cardiopulmonar. Esses veículos devem ter, de acordo com a portaria, três bombeiros trabalhando — todos militares.

Nos ASUs, cada bombeiro possui um papel definido na ocorrência. O motorista se preocupa com a segurança da guarnição, bem como sinalização e isolamento do local de trabalho, além de ser responsável por eliminar qualquer risco presente na cena, como registros de gás, baterias, etc. Os outros

e ainda tem que fazer a reanimação. É impossível... Você não tem quatro braços”, ele exclama. Na nova diretriz, dos dois profissionais, apenas um é socorrista e o outro estará dirigindo.

### Controvérsias

Em uma reportagem da RBS sobre o assunto, são mostrados vídeos dos veículos explicando exatamente a presença de equipamentos de resgate. De acordo com o Presidente da Aprasc, as ambulâncias ASUs entram no tipo C, já que guardam esses itens. “Pelo menos até antes da reportagem eles tinham”, informa o subtenente. Pedro afirma que “as ambulâncias não teriam material de resgate, mas,

## OS SOCORRISTAS OBSERVAM TODOS OS DIAS PESSOAS SOFRENDO ACIDENTES E AINDA TRABALHAM COM UMA QUANTIDADE DE COLEGAS INFERIOR AO RECOMENDADO PELAS NORMAS FEDERAIS

dois atuam na retirada e atendimento das vítimas. São três socorristas apenas em casos específicos, como a remoção de alguém com suspeita de um trauma cervical ou lombar.

Nos manuais de socorro internacionais e na apostila do curso de formação de socorristas em atendimento pré-hospitalar, é possível notar algumas práticas típicas que devem ser realizadas por mais de duas pessoas, por exemplo na remoção de alguém com um ferimento na coluna. É um procedimento que exige coordenação de diferentes indivíduos para levantar o paciente e, ao mesmo tempo, manter a prancha estável.

Existem situações em que a vítima deve ser levada o mais rápido possível para o atendimento médico e, durante o trajeto, ela necessita da ressuscitação cardiopulmonar, é necessário fazer a compressão torácica para manter o coração batendo e, além disso, ventilação, mantendo o paciente respirando. Pedro indaga como é que vai fazer isso com o motorista correndo e balançando. “Você tem que se segurar ali atrás porque o cinto não te deixa trabalhar

por falta de efetivo, nós temos esses materiais para salvamento em altura, aquático, resgate veicular...” A apostila do curso de formação de socorristas em atendimento pré-hospitalar informa sobre as formas básicas para chegar ao paciente. São apresentados materiais de resgate como machados, serras e martelos.

Ao contrário de todas as fontes entrevistadas para esta matéria, o coronel César Assumpção Nunes, do Comando-Geral do Litoral, diz que as ambulâncias do corpo de bombeiro estão dentro do “suporte básico”, sendo que não possuem o equipamento designado pela portaria. Há controvérsias entre funcionários da instituição. “Sim, nesse caso as ambulâncias podem ser operadas por duas pessoas”, diz o coronel César

No dia 27 de agosto ocorreu um acidente automobilístico na Rua Dom Joaquim, Centro de Florianópolis. A reportagem do *Zero* estava lá e pode observar o trabalho do corpo de bombeiros. No registro em vídeo — divulgado na página de Facebook do Zero — é possível observar

três militares saindo da ambulância, bem como funciona um procedimento padrão em que a vítima deve ser imobilizada por suspeitas de ferimentos na coluna

### O concurso não é suficiente

De acordo com o portal de transparência do corpo de bombeiros, o estado conta com 2445 militares. O Comando Geral determinou que seria necessário cerca de mais 1100 militares para eliminar a falta de efetivo. Neste ano, foi aberto concurso público dos bombeiros para resolver essa defasagem da instituição. O presidente da Aprasc fala que “seria para suprir os quartéis hoje funcionando”. Mas o edital desse concurso são para apenas 300 vagas.

Para ele, o ideal seria que todos estes 300 profissionais fossem direto às funções operacionais, contudo, não é o caso. O corpo de bombeiros é dividido em corpo administrativo e operacional. A primeira cuida de aspectos como vistoria de obras e comunicação institucional. Ou seja, não estarão nos caminhões e ambulâncias.

Existem discordâncias sobre a divisão de serviços no corpo de bombeiros do estado. Não há documentos oficiais sobre o assunto e, de acordo com o coronel César, cerca de 7% dos efetivo está atualmente no administrativo. Porém, Edson afirma que a divisão supostamente chega a 40% nestes cargos. Araújo complementa a ideia, alegando que é meio a meio. A Aprasc já solicitou essa informação, mas não foi entregue até a publicação da reportagem.

Pelos depoimentos, a proporção de funções administrativas é grande e há lógica em passar algumas pessoas para o operacional. Mas quem coordena esse tipo de transferência é o Comando-Geral e César afirma que é impossível manter as atividades caso essa proporção mude.

Mesmo com o déficit, novos quartéis estão sendo construídos. No dia 25 de agosto, foi inaugurado um no município de Anchieta, com aproximadamente 480 metros quadrados. A equipe conta com cinco bombeiros militares, quatro civis além de dezoito comunitários. Essa expansão da instituição é descrita pelo presidente da Aprasc como diluição do efetivo. Ele critica que essa mudança “tira de um lugar para botar no outro”. O comandante-geral, coronel Onir Mocellin, em entrevista para o site do governo estadual de Santa Catarina, afirma que há 17 quartéis ativos no estado funcionando com apenas um militar de serviço por dia.

### Diretriz para o resgate

Se considerarmos a portaria ministerial, é ilegal o funcionamento de quartéis com apenas um militar. No interior do estado, um bombeiro sofreu um processo administrativo por não abrir a ambulância como forma de protesto. Ele não é o único, várias situações similares acontecem pelo estado, principalmente em pequenas cidades. Pedro descreve: “Você não tem quem leve o caminhão. Eu já fui para incêndio e tive que levar uma ví-

tima para o hospital ainda com a roupa do incêndio. Ou seja, não conseguiu ficar para terminar (o serviço).

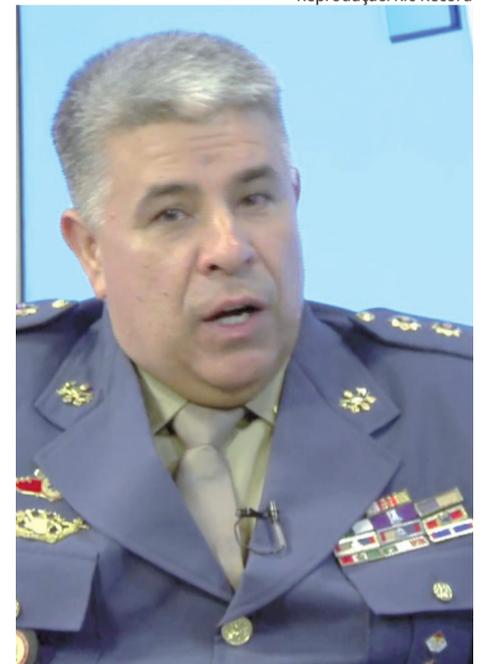
O subtenente Edson fala que a diretriz vem como forma de manter os ASUs do estado funcionando. Já o coronel César reclama que “é difícil, mas a falta de gente é grande e esse é o modo de manter a qualidade de serviço em toda Santa Catarina”.

### Bombeiros comunitários

Este ano foi aberto o primeiro concurso público para bombeiros desde 2013. Enquanto isso, a falta de efetivo se intensificou com profissionais aposentados, acidentes e etc. Do ponto de vista de segurança pública, Edson informa que o estado percebeu uma oportunidade de poupar dinheiro durante tempos de crise.

Em junho, surgiu o projeto de lei que prevê indenização para bombeiros comunitários que atuam em atividades de busca, resgate veicular,

Reprodução/Ric Record



Cel. César A. Nunes, chefe do Comando-Geral do Litoral, não vê irregularidades

pré-hospitalar e incêndios — funções do operacional. Teoricamente, estes profissionais servem para dar apoio aos militares caso a necessidade surja, porém, já são maioria.

Porém, existe a diferença de preparo. Os militares recebem treinamento de 9 meses. Enquanto isso, os comunitários recebem apenas o Curso Básico de Atendimento de Ocorrências, com 40 horas aula, e o Curso Avançado de Atendimento de Emergências, com 344 horas, sendo que 240 horas são de estágio supervisionado. Depois do fim das aulas, os bombeiros comunitários podem atuar como voluntários nas viaturas, com base na Lei 9.608/98 (Lei do Voluntariado), auxiliando o efetivo militar. Ênfase no auxiliando. A presença deles é intensa no litoral do estado. César diz que hoje são 1480 guarda-vidas para suprir as necessidades da alta temporada. Mas, como não são militares, estão na ativa depois de 6 semanas de treinamento. ☺

Tadeu Antonio Mattos

tadeuantoniomattos@gmail.com



O golbol foi um esporte criado exclusivamente para pessoas com deficiência visual

# Esportes adaptados, pessoas determinadas

Projeto “Sábado no Campus” oferece há 20 anos modalidades para pessoas com deficiência

**D**eficiências físicas e visuais não são impedimentos para os atletas do projeto Sábado no Campus: esportes adaptados. Completando 20 anos em 2017, o projeto promove a prática de esportes para pessoas com deficiência. O programa oferece cinco modalidades esportivas: golbol, atletismo, natação, tênis de campo e handebol. Os treinos acontecem em diferentes dias da semana na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e têm como objetivo a recreação, mas há aqueles que se aventuram pelo mundo das competições.

Logo que começou, o Sábado no Campus ofertava dez modalidades de atividades físicas para pessoas com deficiência, de acordo com a demanda do público. Com o passar dos anos, alguns esportes foram deixados de lado para que o projeto pudesse se estruturar melhor e focar em modalidades específicas. “Isso trouxe mais qualidade para os treinos e nos fez ter representantes em competições mundiais paralímpicas”, conta Roger Scherer, professor especializado na área de educação física adaptada e treinador das equipes de golbol.

É o caso de Charles Teixeira, atleta de 41 anos, que atualmente joga basquete, handebol, tênis de campo – todos em cadeira de rodas – e vôlei sentado. Ele conheceu o esporte adaptado em 2006. Durante sessões de fisioterapia, ouviu um barulho vindo da quadra e ficou curioso para saber do que se tratava. Chegando no ginásio, viu as cadeiras de rodas e as bolas de basquete e percebeu que poderia voltar à prática esportiva mesmo depois do acidente que causou a amputação de sua perna direita. Mas a modalidade foi só o começo de uma trajetória que dura até hoje: “comecei a me dedicar a tudo quanto era esporte, até porque o número de atletas é pequeno e a minha deficiência me possibilita essa mudança de esporte mais fácil por ser considerada mínima”, relata.

Colocando o gosto por esportes em prática, ele começou seu caminho como atleta. Em 2006 foi destaque no Campeonato Catarinense com uma equipe de basquete. De 2007 a 2014 ele viajou para vários estados do Brasil participando de competições de caráter nacional e internacional na modalidade de tênis em

cadeiras de rodas – foram sete premiações em campeonatos estaduais e três em internacionais. Devido às vitórias obtidas ele ficou entre os 200 melhores tenistas do mundo e entre os dez melhores do Brasil: “e isso praticamente sem apoio, treinamento específico, equipamento de qualidade, remuneração ou auxílio”, afirma, lembrando que só recebia algumas das passagens e inscrições para participar dos eventos.



Sem patrocínio, Charles (centro) deixou de competir no mundial de handebol

Não parou por aí. Em 2009, foi campeão da corrida em cadeira de rodas em Florianópolis, mesmo sendo a primeira vez que competia na modalidade. No ano seguinte, foi vice-campeão no lançamento de dardo nos Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina (Parajasc), além de disputar o campeonato de arremesso de peso e lançamento de disco. Em 2011, Teixeira realizou um sonho de infância: vestiu a camisa da Seleção Brasileira, com a equipe de handebol em cadeira de rodas, no Campeonato Sul-americano em São Paulo. E em 2012 foi o terceiro colocado no Campeonato Catarinense de Vela, na categoria de barco à vela adaptado.

## Falta de patrocínio

O atleta, que já participou do Parajasc quatro vezes em modalidades diferentes, hoje praticamente não compete por falta de patrocínio. “Quando conquistamos bons resultados sem receber apoio, podemos nos considerar super heróis porque para se tornar um atleta de alto nível, são necessários gastos com alimentação,

equipamentos de ponta e treinamentos específicos. Só com vontade não dá”, reclama. Teixeira diz que seu esporte com maior aproveitamento é o tênis e, segundo ele, o município de Florianópolis não tem nenhum projeto de incentivo aos paratletas e os empresários também não têm interesse em patrociná-los. “Como Florianópolis não é um pólo industrial fica complicado encontrar uma empresa que obtenha vantagem em patrocinar um atleta, pois as empresas são de pequeno porte e não se enquadram nos requisitos para terem descontos no imposto”, essa é a resposta recebida sempre que o atleta procura ajuda.

Segundo ele, os recursos recebidos do governo são nulos. Teixeira conta que, em 2013, foi convocado para um mundial de handebol na Austrália, mas não participou porque teria de pagar cinco mil reais para competir: “se tiver que tirar o recurso do bolso pra pagar é complicado, mas onde eu tiver oportunidade de participar eu estou presente”, comenta. Este ano, o atleta pretende defender a equipe de handebol ou basquete no Parajasc. Em 2013 e 2014 ficou entre os melhores nas equipes de handebol e basquete, respectivamente.

## Um esporte criado

Diferente de modalidades que foram adaptadas, como a natação, o handebol e o basquete, o golbol foi criado visando atender às pessoas com deficiência visual, tanto parcial, quanto total. O esporte surgiu em 1946, com o intuito de reabilitar aqueles que ficaram cegos ou com baixa visão em decorrência da Segunda Guerra Mundial. O jogo é ágil, tem como objetivo fazer o gol e acontece em uma quadra com as mesmas medidas da de vôlei, mas com marcações no chão feitas em alto relevo. São duas equipes formadas por três defensores, que também são atacantes. A bola é mais ou menos do tamanho de uma bola de basquete e possui guizos dentro para que o som indique aos jogadores em qual direção ela foi arremessada, já que todos os atletas usam faixa e tampão nos olhos para competirem em igualdade.

Mesmo tendo experimentado trabalhar com outras modalidades esportivas, tanto adaptadas quanto não-adaptadas, o professor Roger Scherer sempre se sentiu atraído por esse esporte. Ele conta que conheceu a modalidade ainda na graduação, se aproximou por curio-

sidade e está no projeto há 13 anos. O golbol é oferecido na UFSC desde 1997 e é o carro chefe do projeto Sábado no Campus. Até 2004 tinha somente caráter recreativo, mas no ano seguinte os alunos começaram a competir. Tornou-se então uma modalidade de alto rendimento, mesmo que os atletas não sejam remunerados. A equipe masculina conta com 12 atletas e a feminina com cinco, os treinos são realizados três vezes por semana, mas poucos atletas vão todos os dias, já que a maioria estuda ou trabalha. Inicialmente, todos os alunos treinavam juntos, sem distinção de sexo, idade ou aperfeiçoamento técnico. Depois, as turmas foram divididas em iniciação e aperfeiçoamento, para atender melhor aos atletas que estão começando no esporte e, também, preparar os que estão treinando há mais tempo para as competições.

Os atletas do nível de aperfeiçoamento são considerados de alto rendimento. Não por se dedicarem exclusivamente ao esporte, mas por treinarem para uma competição-fim. Os campeonatos estaduais são menos competitivos, então as equipes mesclam atletas experientes e inexperientes: “para que possamos ter uma equipe competitiva e, ao mesmo tempo, os mais novos terem chance de adquirir experiência”, explica o treinador. De acordo com ele, os momentos de descontração e socialização fazem com que a maioria dos atletas do projeto queiram participar das competições.

O calendário de disputas começa em março e vai até dezembro. Por isso, os atletas começam os treinos ainda em fevereiro e só acabam no último mês do ano. Existe a Copa Quatro Estações – competição não-oficial organizada pelas equipes da região Sul do Brasil –; competi-

um número variável de pessoas sem deficiência se voluntaria para jogar: “é uma luta constante, mas também é positivo, pois promove a inclusão”, ressalta Seron. Apesar das dificuldades, as equipes participam do Campeonato Estadual de Handebol Adaptado e do Parajasc. Ano passado ficaram em terceiro lugar nas duas competições.

### Atletismo: da iniciação ao treinamento

Além do handebol e do golbol, as modalidades do atletismo também são oferecidas. São duas turmas compostas por cerca de 20 atletas portadores de deficiência física e visual, e instruídas por um professor e dois bolsistas. E, como as de handebol e golbol, estão abertas para receber mais pessoas.

Assim como as outras atividades ofertadas, o atletismo tem o lazer como foco, mas também visa o alto rendimento. “Como o atletismo é um esporte individual, você pode passar as atividades sem que elas dependam da presença de um grupo pra acontecer”, explica a coordenadora do atletismo, Gabriela Fischer, que começou a trabalhar com paradesporto em 2010. Fischer destaca que esse contato dos estudantes de educação física com pessoas com deficiência “abre horizontes para a formação mais diversa, cidadã e humana”, finaliza.

Segundo o bacharel em Educação Física e treinador de parte da equipe de atletismo, Diego Antunes, treinamentos para todas as provas de atletismo paralímpico são ofertadas na UFSC: corridas (em cadeiras de rodas e sem obstáculos), lançamentos de dardo e disco e arremesso de peso (sentados e em pé), e saltos. O professor conta que a maioria dos alunos têm o atletismo como primeira atividade física praticada. No início, os exercícios são mais voltados para atividades funcionais do dia-a-dia visando a manipulação de objetos e melhorias na coordenação motora. Para Antunes, as melhorias são notáveis: “percebo diferença tanto na capacidade física,



Lucas ganhou duas medalhas de prata nos Parapan-Americanos em 2011

Um deles é Lucas Ferrari, 27. Ele conheceu o atletismo em 2009, depois de ter se dedicado ao futebol, à natação e ao futsal, aos quais não se adaptou por estar jogando com atletas sem deficiência. Logo no primeiro treino de atletismo surgiram dificuldades, Ferrari passou mal, mas não desistiu. Um mês depois ganhou as primeiras medalhas de prata no Regional Sul concorrendo aos 100 e 200 m de corrida. Mas a carreira dele estava só começando. Em 2011 Ferrari conquistou mais duas pratas nos jogos Parapan-Americanos, em Guadalajara, México, correndo 100 e 200 m. No ano seguinte, participou das Paralimpíadas em Londres e, mesmo não conquistando medalhas, bateu o então recorde brasileiro. Em 2015 ganhou uma prata nos jogos Parapan-Americanos em Toronto, Canadá: “essa foi como um ouro, porque eu ganhei das pessoas que tinham me vencido no México”, lembra.

Ferrari destaca que seu envolvimento no esporte paralímpico mudou não só a vida dele: “mudou a vida da minha família também. Ninguém esperava que eu trouxesse duas medalhas de prata, foi uma alegria imensa para todos”, relata. O atleta, que atualmente treina dez horas semanais divididas entre pista de atletismo e academia, já participou de cinco vezes Parajasc, coleciona 9 medalhas de ouro ganhas na competição e pretende competir esse ano em Criciúma. Mas seu principal objetivo agora são os Jogos Paralímpicos de Tóquio: “a gente não para, a gente quer ver resultado”, conclui.

Quem também participará do Parajasc em 2017 é Sidney de Souza, 19. Ele nunca competiu e conheceu o atletismo esse ano por meio da corrida, mas também faz arremesso de peso e lançamento de dardo e disco. “Não sou muito de competir”, conta, ressaltando que o lado bom das competições são as viagens, a possibilidade de conhecer outros lugares e se divertir. Souza também destaca a importância do ambiente gerado por causa do atletismo: “estou me envolvendo com a galera da UFSC. Antes de treinar hoje eu joguei tênis de mesa com uma galera aqui escutando música”, finaliza empolgado. ☺

Betina Ramos

betinamramos@gmail.com

Jaine Araújo

araujojaine7@gmail.com

## EMPRESAS QUE NÃO DESCONTAM IMPOSTOS SE INTERESSAM EM PATROCINAR OS PARATLETAS, RECLAMA CHARLES TEIXEIRA

ções do Campeonato Estadual (Jogos abertos paradesportivos de Santa Catarina - Parajasc); Campeonato da Federação Catarinense de Desportos de Cegos e Baixa Visão (Fecadesc); Campeonato Regional e Nacional da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais; e a Paralimpíada Escolar (para atletas que têm entre 14 e 17 anos).

Para o professor, projetos de extensão são essenciais, independentemente de serem ofertados a pessoas com ou sem deficiência. Segundo ele, essas atividades mostram as possibilidades de melhoria de vida e ajudam no processo de reabilitação da pessoa com deficiência. “O ideal é que seja exposto para que as pessoas que passam pelo CDS os vejam jogando, admirem os esforços deles e percebam que eles superaram as próprias dificuldades para alcançarem seus objetivos”, conclui.

### Handebol

Para a coordenadora do golbol e professora colaboradora no handebol, Bruna Seron, a importância do projeto se dá pela reinserção dos portadores de deficiência nos esportes e, conseqüentemente, na vida social: “para alguns deles, essa é a única atividade praticada. É uma oportunidade diferenciada porque eles não têm tantas possibilidades de práticas esportivas. Este espaço é uma forma de acolhimento”, explica. As atividades de treinamento são todas planejadas pelos bolsistas e coordenadas pelos professores.

Segundo a professora, o handebol é a modalidade com menor número de praticantes no projeto. Atualmente, a equipe tem 8 atletas e a modalidade praticada por eles é a quatro contra quatro, mas dificilmente todos participam do mesmo treino por questões pessoais. Para completar as equipes durante os treinos,



Para Sidney, os esportes lhe proporcionaram diversão

quanto nas relações sociais, já que muitos que vêm se exercitar aqui antes não tinham com quem conversar e aqui eles encontram pessoas com dificuldades semelhantes”, relata.

O grupo é bem diversificado. É composto por alunos de 9 até 50 anos de idade que possuem deficiência física ou visual. Ainda segundo o professor, deficientes intelectuais não são atendidos porque a demanda é maior, e a equipe do projeto não a suportaria. Dos atletas, 14 com deficiência física e seis com deficiência visual participarão do Parajasc este ano. Além disso, três atletas irão competir na etapa nacional do Circuito Loterias Caixa – o mais importante evento paralímpico nacional de atletismo, natação e halterofilismo (levantamento de peso) –, nas modalidades de arremesso, lançamento e corrida.

## Para treinar

### Handebol

Os treinos acontecem nas terças-feiras das 18h às 19h30 e aos sábados das 9h às 11h.

### Golbol

Três vezes por semana: às terças e quintas-feiras das 18h às 19h20 e aos sábados das 8h às 11h, no Ginásio II do Centro de Desportos (CDS) da UFSC.

### Atletismo

Os treinos acontecem às segundas, quartas e sextas-feiras das 14h30 às 18h na pista de atletismo do CDS.

Mais informações pelo telefone: 3721-9925

# Um brinquedo como qualquer outro

Vendidos como terapêuticos, os spinners não possuem propriedades anti-stress

**E**les são coloridos e atraentes, possuem luzes de led para chamar a atenção; tocam música e têm bluetooth; são de plástico, ou, quem sabe, revestidos de liga de titânio; muitos são baratos, outros caros; alguns são pesados, afiados, podem até machucar; mas todos possuem uma simples função: — girar. Em uma loja de jogos eletrônicos em Campinas, São José, um balde cheio deles chama a atenção para quem olha a vitrine. A febre dos spinners tomou uma proporção fora dos eixos e, além de brinquedos, também são vendidos para pessoas ansiosas e hiperativas.

Assim como o iô-iô e o pião, a criação do spinner é incerta. Alguns jornais estrangeiros, como o *The Guardian*, indicam que a engenheira estadunidense, Catherine Hettinger, inventou o brinquedo há duas décadas para poder interagir com sua neta. Em 2005, por questões financeiras, perdeu a patente de seu “boneco giratório” que, apesar do mesmo conceito, pouco se assemelha ao brinquedo do momento. Se realmente existisse uma patente ou um inventor, alguém estaria ganhando muito dinheiro. Ou até mesmo multimilionário.

Em reportagem publicada no site da *Fox Business*, a previsão é de que até o final do ano os spinners movimentem meio bilhão de dólares na indústria de brinquedos norte-americana até o fim do ano. De acordo com o jornal, estes spinners “criaram um boom econômico que a indústria de brinquedos nunca viu antes”. Tudo isso em apenas alguns meses de demanda popular. No Google Trends, site de pesquisa de tendências da Google, a procura pelo brinquedo deu um estrondo em poucos dias no mês de maio. Em entrevista para o *Zero*, a professora de mídia computacional da Universidade da Califórnia, Katherine Isbister, disse que os spinners são divertidos porque “ativam sensações físicas interessantes — nós gostamos de coisas que giram, gostamos de sentir mecanismos funcionando”.

Alguns gostam tanto que são capazes de pagar além do preço normal — o spinner de luxo que

saiu agora no Japão custa R\$ 495 (US\$ 157) e gira mais de 12 minutos. Fazendo uma pesquisa de preços na Grande Florianópolis, depois da febre, o spinner mais barato que achei numa loja de camelô custa R\$ 15. É o básico de plástico colorido — rolamento no meio, três pontas e um anel de metal em cada. Mas tem os “raros” — aqui sinônimo de caros — que chegam a valer R\$ 60 ou mais. O que eu tive prazer de girar era cromado em roxo e tinha o formato de um cifrão (\$). Alguns, uma lojista teve que retirar de caixinhas estofadas que serviam para proteger as pontas. Estes eram pequenos, no formato de naves alienígenas, *shurikens* — lâmina de arremesso ninja com três ou mais pontas —, ou objetos que saíram de alguma animação japonesa. Outros faziam referência a heróis de quadrinhos, como o morcego do Batman, o escudo do Capitão América ou as cores do Homem Aranha.

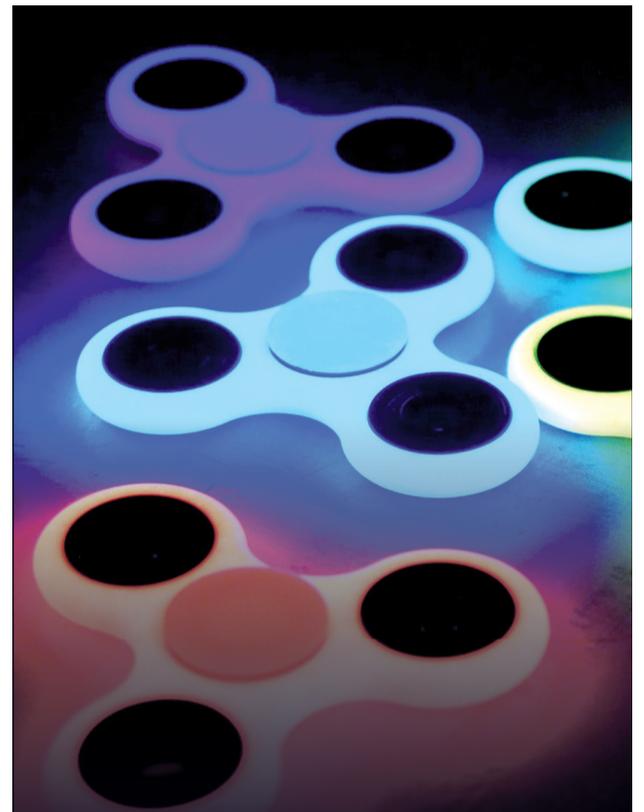
## O SPINNER DE LUXO QUE SAIU AGORA NO JAPÃO CUSTA R\$ 495 E GIRA MAIS DE 12 MINUTOS

Por serem chamativos e atraentes, alguns não são recomendados para crianças. Era o caso de um prateado, revestido por miçangas no centro do rolamento. “Estes raros são mais procurados por adolescentes”, alerta a lojista por causa das características que podem ser danosas à crianças. No Brasil, os spinners devem conter o selo de aprovação do Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia), e são contra indicados para menores de seis anos. Caso contrário, as multas podem chegar a até R\$ 3 milhões.

### Brincadeira e educação

No Colégio Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, muitas crianças ainda usam o brinquedo nos intervalos de aula. De acordo com Edson de Souza Azevedo, diretor de ensino do colégio, não foi necessária nenhuma medida para controlar o uso durante as classes — até então, não tiveram grandes problemas. Em Santa Catarina, de acordo com uma matéria publicada no *Diário Catarinense*, não há medidas oficiais sobre o brinquedo, mas, de acordo com a Secretaria de Educação do Estado, “deve prevalecer o bom senso dos coordenadores”.

Em uma entrevista para a *EBC* (Empresa Brasileira de Comunicação), a presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia, Luciana Barros de Almeida, disse que o uso demorado do spinner pode causar distração. De acordo com ela, a maior preocupação dos profissionais de educação é que deve-se ponderar o momento de uso adequado do brinquedo.



## Não salva a pátria, mas faz manobras

Patrícia Araújo, 40, lojista de um estabelecimento de jogos eletrônicos me diz que os spinners são mais procurados pelas crianças para fazerem manobras. “Passar de uma mão para a outra sem que pare de girar; segurar na ponta do dedo enquanto gira; qual dura mais tempo girando, etc”. Um vídeo no Youtube com 50 milhões de visualizações ilustra o que seriam essas manobras — das mais básicas até as mais perigosas. Colocar o spinner girando em uma bola de basquete; jogar para o amigo pegar sem deixar de girar; até as mais ousadas, como acertar um alvo com um spinner em formato de shuriken ou atingir o centro do rolamento com uma espingarda de dardos. Estes últimos, não indicado para crianças.

Por causa dessa euforia em cima do brinquedo, pais e escolas começaram a se preocupar. Algumas notícias passaram a divulgar acidentes causados em crianças — como o caso de menino nos Estados Unidos que ficou com um spinner em formato de shuriken preso nas mãos por mais de 16h. A Alemanha, confiscou, em maio, 35 toneladas de spinners produzidos na China por considerá-los perigosos — uma criança poderia se engasgar com uma peça solta. Algumas escolas também proibiram o uso do brinquedo em sala de aula porque pode causar distrações.

O problema está na atração do brinquedo. Todas essas cores e visuais diferentes

O balde de spinners chama atenção de quem passa à frente de loja do município de São José



Luiz Felipe Buzzi/Zero

## A ALEMANHA CONFISCOU, EM MAIO, 35 TONELADAS DE SPINNERS PRODUZIDOS NA CHINA POR CONSIDERÁ-LOS PERIGOSOS

chamam a atenção da criança para encarar o spinner girando. Ao fazer isso, ela deixa de prestar atenção no que é relevante ao realizar uma tarefa cotidiana. Para Katherine Isbister, “os spinners podem não ser os fidgets ideais porque eles chamam muito a atenção dos outros. Para uso em sala, o ideal seria algo silencioso, sem exigir que a pessoa olhe para ele. Coisas como uma bolinhas anti-stress, por exemplo”.

De acordo com a ABDA, Associação Brasileira do Déficit de Atenção, estima-se que o TDAH afeta entre 3% a 5% das crianças no mundo inteiro, podendo, em alguns casos, acompanhá-las na vida adulta. Os pais estão ficando mais preocupados e acabam procurando soluções imediatas para o tratamento desses transtornos. Para Marcelo, “essas são saídas mágicas que os pais buscam, não é culpa deles, eles ficam maravilhados”. A propaganda que fazem em cima do spinner como “brinquedo anti-estresse” faz com que as pessoas vão atrás dele como uma saída. No entanto, “é um brinquedo como qualquer outro, ele não vai salvar a pátria”, brinca o médico.

Mesmo que não haja evidências científicas confirmando o spinner como terapêutico, não dá para descartá-lo. Ele não é contra indicado, desde que não apresente nenhuma ameaça às crianças. O spinner pode ter a função de interação social entre pais e filhos, ou até dentro da escola entre os colegas. Alguns pais, por exemplo, procuram esses brinquedos para tirar os filhos da frente da televisão e do smartphone. Para o médico, isso é positivo, porém, não é a melhor alternativa. “Eletrônicos em exagero causam ansiedade, isso é comprovado, tirá-los disso, já seria um passo. Mas eu ainda acho que ele (o spinner) não interage tanto. É preciso sair com os filhos para fazer atividades ao livre, por exemplo.”

O spinner é vendido como um brinquedo que ajuda na concentração de crianças com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e autismo — em alguns casos até como solução terapêutica. Não existem provas científicas se o brinquedo pode, ou não, auxiliar no cotidiano infantil. Para Marcelo Calcagno Reinhardt, diretor do Departamento de Psiquiatria da Infância, da Associação Catarinense de Psiquiatria, “não existe nenhuma comprovação que ele seja realmente terapêutico. No caso de crianças autistas, o spinner pode ser uma maneira de deixá-los mais quietos, mas isso não substitui alguma outra atividade de terapia”.

### Brinquedos para pessoas inquietas

Apertar o gatilho da caneta inúmeras vezes para se manter concentrado em uma tarefa é comum entre pessoas ansiosas. Diferente da caneta, que tem a função de escrever, o spinner é vendido como um objeto específico para inquietação. O ato de girar o brinquedo inúmeras vezes ajudaria a se manter concentrada ao realizar suas tarefas diárias.

A pesquisadora Katherine Isbister criou um site para que as pessoas pudessem compartilhar quais são os seus favoritos e como ajudam a manter a concentração — a lista vai desde spinners e canetas até mexer no cabelo e fazer tricô. Eles podem aliviar momentaneamente situações de ansiedade e estresse. Para Katherine, “as pessoas sempre fizeram isso, brinquedos como o spinner são projetados para acomodar essa tendência natural de buscar algo para aliviar o estresse. De tempos em tempos, um brinquedo como o spinner surge e chama a atenção do público”.

Em 2016 quem fez sucesso foi o fidget cube, um pequeno cubo, onde cada lado possui uma



textura diferente para poder ficar cutucando em qualquer lugar, seja na aula, trabalho ou em casa. Em sua página de vaquinha virtual na plataforma *Kickstarter*, ele é descrito como “inusitadamente viciante. Um brinquedo de alta qualidade projetado em lhe ajudar a focar”. Parece simples, como um dado, mas é a demanda em volta dele que impressionou. Em um dia de vaquinha, o projeto dos irmãos Matthew e Mark Maclachlan atingiu a meta de 15 mil dólares — aproximadamente 47 mil reais. Em dois meses de campanha, os dois tinham captado seis milhões de dólares para investir no produto e entregar para os 154,926 apoiadores. Numa rápida pesquisa por fidgets no *Kickstarter*, encontramos uma lista de outras criativas invenções, como o spinner abridor de garrafa ou uma esfera, parecida com uma bola de natal, que apenas gira. ©

Luiz Felipe Buzzi

lfelipebuzzi@hotmail.com

## Famosos investem no brinquedo

A febre mundial foi tanta que o “hand spinner” entrou no ranking dos 20 brinquedos mais vendidos pela *Amazon*. “De baixa tecnologia e preço barato, os brinquedos que aliviam o estresse são um grande modismo no país, e as lojas não conseguem mantê-los em estoque”, disse o jornal *New York Post*.

A modelo Kim Kardashian lançou sua própria versão do produto, o qual possui o formato de um cifrão dourado e tem um custo de cerca de R\$60. Sua irmã, a modelo Kendall Jenner, também é uma das personalidades que está se divertindo com o “hand spinner”: os paparazzis a fotografaram num evento em que ela usava o mais novo brinquedo do momento. No Brasil não foi diferente: o jogador de futebol Neymar posou para uma foto ao lado do surfista Gabriel Medina segurando uma versão do brinquedo temática do super-herói Batman.

O jogador Ronaldinho Gaúcho também entrou em campo para licenciar sua própria linha de spinners. Suas versões são vendidas em três modelos, preto, dourado e prata com a assinatura do jogador. Eles custam cerca de R\$42, porém, os brasileiros precisam pagar R\$ 132 de frete e esperar 15 dias para a entrega.

A banda canadense, Arcade Fire, reconhecida por suas pegadinhas com os fãs, usou a febre desses brinquedos para divulgar o lançamento do álbum, *Everything Now*, lançado em julho deste ano. Valendo US\$ 109 (R\$ 342), essa versão dizia conter as 13 faixas do álbum. Esgotou logo que saiu — provavelmente uma piada da banda para os fãs. ©

Luan Poffo de Oliveira

luanpoffodeoliveira@gmail.com

Luiz Felipe Buzzi

lfelipebuzzi@hotmail.com



O spinner do super-herói Batman usado por Neymar e Gabriel Medina



# Universitário de dia, motorista de noite

Henrique adotou Uber como fonte de renda após perder os auxílios financeiros da UFSC

**N**os versos de Belchior, Henrique Santos é “apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco”, em busca de um futuro melhor. E, como diversos jovens adultos da geração Y, tornou-se motorista de Uber como um meio termo entre depender da família e a tão sonhada emancipação financeira. O estudante da UFSC sente na pele o esforço e as responsabilidades de conciliar a vida pessoal e acadêmica com um trabalho de remuneração incerta.

Inicialmente, boas ofertas convenceram Henrique a se tornar motorista da Uber há três meses. “A facilidade de ter um horário flexível para trabalhar foi o principal motivo que me levou a me inscrever”. Ajudava também os incentivos oferecidos para novos motoristas em sua cidade natal, Curitiba. Para cada motorista indicado por Henrique que cumpria uma quantidade mínima de viagens, ele recebia um valor em dinheiro da empresa. Após começar na Uber, Henrique tratou de chamar novos membros para a plataforma. Afirma que “era uma situação ótima para todas as partes envolvidas”. Mas não foram só vantagens que o levaram a se tornar o que a Uber chama de “colaborador”.

Fora as 27 horas-aula por semana, haviam limitações que o impediam de arrumar dinheiro por meios convencionais. Seu curso de graduação da UFSC proíbe que alunos façam qualquer tipo de estágio antes da quinta fase (o motivo é evitar colocar jovens ainda inexperientes no mercado de trabalho). E cada vez mais, crescia a vontade de diminuir o rombo que sua estadia em Florianópolis causava no orçamento da família. Sob condições estritas como estas, viu no Uber uma forma de fazer um dinheiro extra. Juntando-se assim aos 48 milhões de brasileiros que trabalham como autônomos e/ou microempresários, segundo dados da GEM.

Hoje, Henrique é colaborador exemplar da Uber. Só trabalha de camisa social e, sempre que pode, limpa pessoalmente o carro — “para economizar uns R\$30,00 a R\$40,00 do lava-rápido”. Faz de tudo para deixar os passageiros à vontade e “sentir o clima se é alguém que gosta de conversar, que ponha música ou que prefere o silêncio”. E tal dedicação lhe rendeu nota máxima dentre as avaliações feitas no aplicativo pelos seus passageiros — algo que mostra com um sorriso orgulhoso e o brilho no olhar de que tem certeza que fez um bom trabalho, apesar das adversidades.

João Bosco Cyrino/Zero



Ao volante, Henrique só trabalha vestindo camisa social

Adversidades estas que já o colocaram em situações desconfortáveis. Como, por exemplo, o passageiro que o fez parar por quase meia hora na subida do morro da Serrinha enquanto ele ia “trocar 100 reais”. Ao retornar para finalmente seguir para seu destino perguntou se poderia usar cocaína no banco do passageiro durante a viagem. Segundo Henrique, ao término da corrida ficou sem ação. “Aquela foi minha primeira e última corrida no dia, pois não conseguia parar de tremer. Não de medo, mas de nervosismo pelo que tinha acabado de escutar”.

É com certa amargura que conta como o trabalho que era um extra se tornou a principal fonte de renda. Com o segundo semestre de 2017 começando, parou de receber auxílios dados pela UFSC. Em Curitiba, a condição financeira da família ficou mais instável. No começo, nunca virava a noite fazendo corridas por não haver

necessidade. Mas atualmente, mesmo com aulas, tem trabalhado com afinco aos finais de semana. Seu recorde foi quando fez corridas por dez horas seguidas (para se ter uma referência, ir de carro de Florianópolis para São Paulo leva cerca de nove horas).

Em Curitiba, segundo Henrique, já nem compensa tanto ser Uber devido ao excesso de motoristas. Já em Florianópolis, com a empresa completando um ano na Ilha agora em setembro, diz que ainda é possível fazer um bom dinheiro. Brinca dizendo que “virou modinha”. “Todo mundo quer andar de Uber e ir pra balada de carro legal”. E Por conta disso, é comum pegar diversas corridas no eixo Centro-UFSC-Lagoa da Conceição. Em uma noite bem trabalhada afirma que é possível ganhar R\$ 120,00, já descontando R\$ 100,00 gastos com gasolina. Isso sem contar que, com a chegada do verão, haverá na ilha mais motoristas de Uber, engarrafamentos e maior necessidade de usar ar-condicionado sem necessariamente ganhar mais por isto.

Apesar dos momentos ruins, Henrique avalia que a Uber hoje é tão perfeita que “se mexer estraga”. Afirma que não se considera funcionário da empresa pelo simples fato de que ele só trabalha quando quer — se é muito ou pouco, isso depende mais da necessidade do momento. Troca mensagens com amigos que também são motoristas para saber se vale a pena trabalhar no dia. E, em meio a esse turbilhão de afazeres e estudo, achou tempo para ajudar a montar uma chapa e vencer a eleição para o centro acadêmico do seu curso. Todos os receios ao aplicativo se veem reduzidos devido ao seguinte fato: Henrique Santos não é Uber, mas sim, está Uber.

Ser motorista da Uber é somente um meio para o fim que é pagar as contas hoje. Todas as previsões negativas para o futuro da Uber simplesmente não lhe interessam. É enfático ao dizer que “se utilizasse a Uber como uma plataforma de trabalho, me preocuparia. Mas para mim isto é algo temporário, e não me preocupo com o amanhã (do qual não fará parte)”.

Ao ser questionado sobre se imaginar como motorista da Uber daqui a cinco anos responde em tom resolutivo: “Jamais. É algo para as horas vagas que eu preciso no momento. Nesse futuro, já quero estar formado”. E finaliza com um sorriso, afirmando “daqui cinco anos eu só me vejo como usuário”. ☺

.....  
João Bosco Cyrino  
jbcyrino@gmail.com

## Motoristas criticam a Uber em outros países

Ao redor do globo, ações questionáveis da Uber ganharam repercussão na mídia. A falta de garantias aos motoristas e promessas flexíveis — a favor da empresa — resultaram até mesmo na morte de um “colaborador”. Mas o discurso de ser o próprio chefe cai por terra quando os parceiros percebem quem ganha mais. Ao tentar desestruturar modelos de táxi tradicionais pelas cidades onde chega para criar o próprio monopólio, a Uber acabou por sofrer vários processos por ações trabalhistas e de concorrência desleal.

### Índia

Em 2015, o motorista Mohhamad Zaheer suicidou-se. O motivo seria a falta de dinheiro para pagar dívidas que eram subsidiadas pela Uber para novos motoristas. A empresa foi acusada de não avisar antes que os auxílios poderiam acabar.

### Inglatera

Em 2017, a empresa tentou reverter uma decisão judicial que qualifica os motoristas como sendo empregados, não parceiros, da Uber. Isto significa ter que pagar benefícios como salário-mínimo e licença médica.

### Estados Unidos

De acordo com uma investigação publicada pelo site The RideShare Guy, em fevereiro de 2017, a Uber subiu cerca de um real a taxa de reserva de carro para cada corrida em várias cidades americanas. Porém, este aumento no valor pago pelo consumidor gera 0% de lucro extra para os motoristas. Isso porque essa taxa, assim como os 20-25% cobrados sobre o valor final da corrida, são repassados inteiramente à empresa. Ou seja, ao invés aplicar o aumento em taxas que dariam lucro tanto para a Uber quanto motoristas — como a tarifa por quilômetro rodado — a empresa preferiu uma mudança da qual seria a única beneficiária.

Jéssica Antunes/Zero